

ESTAÇÃO
PARALAPRACÁ



MENU DE PAISAGENS CULTURAIS



Estação Paralapracá é uma publicação do programa Paralapracá. O programa é uma frente de formação de profissionais da Educação Infantil criada em 2009, por meio de uma parceria entre a Avante – Educação e Mobilização Social e o Instituto C&A.

O Paralapracá foi implementado em diversos municípios e teve sua eficácia reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) em 2015, quando passou a integrar o Guia de Tecnologias Educacionais do MEC. O programa é uma metodologia da Avante, passível de ser implantada em regime de parceria em qualquer localidade brasileira.

Esta publicação faz parte da Coleção Paralapracá e está licenciada sob a Licença Creative Commons Atribuição Internacional 4.0 (CC BY 4.0). Para ver uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR> ou envie uma carta para Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA, 94042, Estados Unidos.

Realização e concepção

Avante – Educação e Mobilização Social
Instituto C&A

**Equipe de elaboração da
Coleção Paralapracá****Coordenação editorial**

Mônica Martins Samia

Organização

José Rêgo (Pinduka)

Pesquisa e produção de conteúdo

Edmar Brasil

José Rêgo (Pinduka)

Luciana Dias

Coleta de registros culturais

Fabíola Margeritha Bastos

Janaina G. Viana de Souza

Iany Bessa

Lilian Galvão

Maria Aparecida Freire de Oliveira Couto

Seleção de registros culturais

Milla Conceição Alves

Mônica Martins Samia

Leitura crítica

Mônica Martins Samia

**Atualização de conteúdos da
2ª edição**

Mônica Martins Samia

Revisão técnica da 2ª edição

Janine Schultz

Produção editorial da 2ª edição

Sandra Mara Costa

Revisão ortográfica

Mauro de Barros

Ilustrações

J.Borges

Rex

Projeto gráfico e editoração

Santo Design



ESTAÇÃO

PARALAPRACÁ

MENU DE PAISAGENS CULTURAIS



Realização

AVANTE – EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL
INSTITUTO C&A

Organização

JOSÉ RÊGO (PINDUKA)
BRASIL 2018



Princípios

Era uma vez... Registrar as experiências culturais da comunidade: esta foi a chamada para encaminhar a pesquisa que daria corpo a este *Estação Paralapracá: menu de paisagens culturais*. Esta história começou com a *Pasta de Registro*, um material disponibilizado na primeira edição do Paralapracá que se propõe a documentar experiências pedagógicas e culturais das instituições parceiras. Considerando a relevância de valorizar o acervo cultural comunitário, nasceu esta publicação. Inicialmente, foi preciso delinear uma compreensão sobre o que caberia registrar como experiência cultural comunitária. Afinal, essa tríade de palavras pertence à família das que, diferentemente da “liberdade” de Cecília Meireles¹, há muitos que as buscam explicar e bem poucos os que as conseguem entender.

A palavra *experiência*, por exemplo, é de antiga data, mas ainda menina no mundo da educação. Por séculos a escola se pautou na afirmação do mundo inteligível (predomínio da razão instrumental), do mundo das ideias, como aquele de real valor, em detrimento do mundo sensível, o mundo da experiência.

Ainda que ao longo dos séculos muitas vozes tenham se erguido na defesa do saber sensível, só no século xx se configuraram, de maneira mais sistemática e sistêmica, abordagens educacionais afins com a ideia de que o conhecimento não é algo dado, a ser assimilado passivamente, mas algo que se constrói a partir de experiências pessoais e coletivas, de diferentes naturezas.

Essa abertura para outros modos de ensinar e de aprender

implicou também uma mudança do olhar para os conteúdos. O conhecimento deixa de ser apenas o que a escola elege como significativo, mas também o que está à sua volta, os saberes das crianças e o que emerge em cada situação de aprendizagem.

E foi por este caminho que o verbete *cultura*, como também seu cognato *cultural*, aos poucos se incorporou ao vocabulário básico da educação. Contudo, a compreensão sobre o que vem a ser cultura/cultural é que parece não ser algo assim tão consensual. Por isso, na busca de uma compreensão simples (não necessariamente fácil), talvez importe começar perguntando, pelas vias do rodriguiano “óbvio ululante”: o que não é cultura/cultural!?

E eis que a simplicidade pode vir ao nosso socorro, desanuviar o horizonte de nossa questão: cultura/cultural vem a ser tudo o que não é natureza/natural, tudo aquilo que dependeu da reflexão, da criação, da ação e do cultivo humano, seja em termos da produção material (objetos, bens de consumo, tecnologias) ou da produção simbólica (linguagens, discursos, narrativas, mitos e ritos), e isso dá num mundo de coisas.

Mas parece que agora ficamos com o mundo grande demais e, além de vasto, complexo. Cientes da impossibilidade de abraçar o mundo, precisamos fazer escolhas. E aí tanto o tamanho dos braços quanto o que se vai abraçar precisa ser pensado na justeza. Na dúvida, pedimos a ajuda de Manoel de Barros, e o consultor poético nos sussurrou aos ouvidos: “[...] o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com elas [...]”.²

Com essa inspiração, podemos buscar intimidade com a cultura à nossa volta, a mais próxima, a que está nas pessoas, lugares e histórias, e, com os sentidos despertos, adentrar o reino da sabedoria comunitária. Mas como pensar coletivamente essa noção? Podemos pensá-la mais facilmente através de uma palavra vizinha: comunidade(s). Comunidades são lugares que articulam sentidos geográficos (bairro, cidade, microrregião) e sentidos simbólicos, dando a seus membros a sensação de pertencimento a um corpo social e a uma vivência comum, na qual sentimentos, pensamentos e experiências são partilhados coletivamente.

As comunidades, a um só tempo, são baús e usinas

culturais. Nelas, os saberes da memória (da vida ancestral, passada, vivida), da percepção (de tudo aquilo a que os sentidos têm acesso) e da imaginação (imaginário, sonho, fantasia) são dinamizados e transformados num saber local, que, por sua vez, na interação com outras comunidades, se transforma e provoca alterações no saber global.

Compreendidos os termos, falta declarar e explicitar compromissos coerentes com essa compreensão: é preciso que as crianças tenham acesso não apenas a notícias de que essa cultura existe ou existiu, mas principalmente que tenham uma experiência sensível com a cultura comunitária, que percebam a escola afinada e interessada por essa cultura, quiçá, comprometida e participante dela.

Ao assumir a importância dos saberes locais, particularmente os próprios da cultura infantil, nos processos de construção da identidade cultural das crianças, urge cuidar para que esses saberes façam parte do cotidiano das instituições e do currículo da Educação Infantil, o que pode ser feito coletando, registrando, organizando, construindo e oferecendo para fruição enquanto acervo do patrimônio cultural local, como este *Estação Paralapracá: menu de paisagens culturais* que agora entregamos para degustação pública.

Esta publicação foi fruto das pesquisas e coletas feitas por profissionais de cinco municípios do Nordeste, parceiros do programa Paralapracá entre os anos 2010 e 2012: Campina Grande · PB, Caucaia · CE, Feira de Santana · BA, Jaboatão dos Guararapes · PE e Teresina · PI.



Meios

Fazer com que o nome Paralapracá se efetive enquanto experiência educativa depende da ação de

cada educador (professor e/ou coordenador), convidado a pôr desejo, necessidade e vontade de beleza a serviço de uma partilha sensível em que, simultaneamente, cada um dispõe seu quinhão e se apropria do que passou a ser comum, comunitário em sentido amplo e pleno.

Para favorecer o fluxo de leitura dos registros e sua sistematização, o *Estação Paralapracá: menu de paisagens culturais*, como o título sugere, está dividido em seções/paisagens: *narrativas, lúdicas, artísticas, sonoras, festivas e gastronômicas* – além das seções *Figurinha Carimbada* (com o perfil de artistas nordestinos representativos) e *Paragens* (com referências a singulares pontos de cultura de cada lugar que merecem ser visitados). Além disso, por sua filiação ao *Almanaque Paralapracá*, por sua vez filiado aos antigos almanaques, precisávamos de um marcador temporal e optamos por distribuir as *paisagens, paragens e figurinhas* em quatro estações: primavera, verão, outono e inverno.

Estando entendido o percurso de construção desta publicação, é preciso salientar que o que você vai encontrar a seguir, ou foi produzido originalmente pelos professores e coordenadores, às vezes junto com as crianças – afinal a coleta já é uma situação muito significativa de aprendizagem –, ou foi inspirado em seus registros de experiências pedagógicas. O caminho dessa coleta foi o mais diverso: convidando pessoas da comunidade para serem entrevistadas na instituição, fazendo visitas, gravando, fotografando. Enfim, para cada caso, foi preciso planejar o melhor jeito de coletar e registrar os dados.

Agora é hora de você adentrar as mais diferentes paisagens culturais. Mire-as com atenção e com acuidade de sentido. Deixe seu olhar saber dos gostos, dos cheiros, dos toques, dos sons, das histórias, dos contos, cantos e encantos que os diferentes cantos do Nordeste lhe reservam. Pense, de maneira sensível, o quanto a beleza pode fazer da escola o mesmo que vida vivida em plenitude, com inteligência, alegria e sensibilidade. Saudações brincantes!

José Rêgo (Pinduka), org.

POR QUE PAISAGENS CULTURAIS?

Quando a natureza dispõe suas forças de maneira harmoniosa aos nossos olhos, chamamos a isso, no senso comum, de paisagem. Aqui queremos chamar a atenção para aqueles momentos, ocasiões e oportunidades em que é a cultura que dispõe suas forças de maneira especial, criando diferentes *paisagens culturais*, por vezes bastante afinadas com as naturais. Dada a diversidade das paisagens culturais, sugerimos alguns títulos para facilitar o fluxo de organização e de leitura dos registros.

MENU DAS PAISAGENS CULTURAIS

PAISAGENS LÚDICAS

Nesta seção você vai se divertir com os registros sobre as brincadeiras, brinquedos e jogos tradicionais, apropriados para o desenvolvimento da cultura infantil e das práticas brincantes. Com esse repertório em mãos, vale mapear os espaços adequados para vivenciá-lo. Além daqueles que foram feitos para este fim (campos de futebol, quadras, parques, etc.), vale prestar atenção aos espaços que a comunidade adapta, converte e/ou transforma em espaços próprios para práticas lúdicas. Identificar, visitar e propor o uso de espaços afins para as crianças pode ser fonte de aprendizados e de muitas alegrias.



PAISAGENS NARRATIVAS

Como um dos principais sentidos do viver é ter o que contar, nesta seção estão registradas diferentes histórias, narrativas que traduzem aspectos singulares da comunidade em que a instituição está inserida. Aqui você encontra mitos, causos e histórias (inventadas, ficcionais) contados por pessoas da comunidade, recolhidos pelas professoras e recontados para o contexto desta publicação.

PAISAGENS SONORAS

Aqui você tem acesso a registros escritos da produção sonora



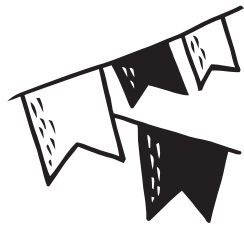
expressiva das comunidades em que as instituições estão inseridas, incluindo falas, dizeres entoados e canções tradicionais. Infelizmente, a escrita não permite registrar a complexidade dessa paisagem, pois não tem como capturar as melodias, mas é importante ter fixado na escrita o texto verbal para posteriormente compartilhar ou comentar com as crianças. Aqui vamos contar com sua imaginação ou com sua memória sonora e afetiva. Como é mesmo que se diz isso: “Olha a vassooooouuraa! Olha o vassoureeeeiro!”.

PAISAGENS GASTRONÔMICAS

Aqui estão os escritos sobre os aromas e sabores da culinária e das práticas alimentares das comunidades. Não raro, o ato de comer está envolto em segredos, ritos e hábitos tradicionais, e é bom ter atenção a estes detalhes. Recriá-los em espaços de aprendizagem pode resultar numa aula deliciosa: identificar e escolher os ingredientes, participar do preparo, organizar e dar conta do servir, comer e deixar tudo limpo. Vale lembrar que, em tempos de *fast-food*



(comida rápida), prestar atenção aos modos da gastronomia comunitária é algo bastante educativo para a sensibilidade e o paladar das crianças.



PAISAGENS FESTIVAS

Compõem esta seção as descrições e narrações sobre as festas populares, folguedos e manifestações tradicionais. Contar, visitar, legitimar e propor situações afins para as crianças pode ser fonte de aprendizados e de muitas alegrias, inclusive contando com a participação dos brincantes, com o bônus de vinculá-las a essas paisagens de maneira sensível.

PAISAGENS ARTÍSTICAS

Esta é a seção na qual são identificados os artistas e artesãos da comunidade, bem como aquela que acolhe os comentários sobre as respectivas produções, sejam estas do campo das artes visuais (desenho, pintura, escultura), da dança, da música, do teatro ou das demais artes espetaculares. Ou seja, aqui o foco está nos artistas/artesãos em questão (biografia, iniciação, influências, processos criativos), na análise de sua produção (materiais emprega-



dos, técnicas, filiações estéticas) e mesmo nos efeitos de recepção junto ao público (reações, aceitação, reconhecimento).

PARAGENS

Aqui estão notícias sobre lugares, espaços culturais e pontos turísticos visitados pelas crianças e educadores e/ou que merecem ser visitados pelos que estiverem naquelas imediações. Alguns já estão consagrados na própria comunidade, outros sinalizam a singularidade para que mais gente se interesse em ir visitá-los.



FIGURINHA CARIMBADA

Cartas com o perfil de representativos artistas nordestinos.

Buscando alguma unidade na escolha, decidimos destacar nesta edição a linguagem musical e, como a lista continuava grande, a opção foi por nomes que representassem o cancionário dos Estados (Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí) em que o Paralapracá foi implementado e que tivessem, entre suas produções, canções afins com a cultura infantil. Como é difícil fazer uma lista sem cometer injustiças, fica aqui a sugestão para que você acrescente novos perfis a esta seção.

ENFIM: PAISAGENS À VISTA



verão

Pertencente ao período quente do ano, chamava-se inicialmente *Tempus Veranus*, que quer dizer tempo da frutificação, bom tempo



Sucedendo à primavera, tempo das flores, o verão é tempo dos frutos, mas é bastante mais associado às altas temperaturas, ao calor, e por isso costuma ser representado pelo próprio sol. Com temperaturas elevadas, dias mais longos e noites mais curtas, o verão tornou-se o melhor período do ano para gozar as férias. Mas, no sertão, o verão também pode ser tempo de chuva ou, como se diz popularmente, de verde. Como acontece com a primavera, vivendo no hemisfério Sul, o nosso tem nome próprio: *Verão Austral*, que se inicia com o solstício de verão, em 21 de dezembro, e termina com o equinócio de outono, em 21 de março.

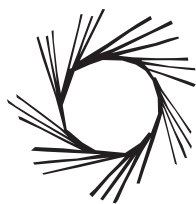


PARAGEM

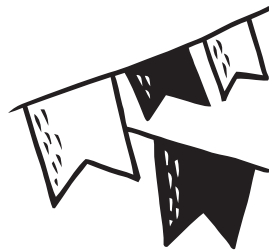
Sítio das Artes • PE

Conforme as professoras da Escola Nicéa Cahú, de Jaboatão dos Guararapes • PE, quem for faminto por beleza e estiver visitando a cidade de Olinda, a dica é dar uma passadinha no Sítio das Artes. Instalado num casarão do século XVIII, abriga um antiquário com exposição permanente de bordados finos e da artesanaria regional, além de funcionar como espaço para a exposição de trabalhos de artistas representativos da cena pernambucana.

As crianças fizeram a visita ao espaço, apreciaram obras e conversaram com artistas da região e assim, acompanhadas pelas professoras, puderam fazer a ampliação do repertório estético, bem como de seu universo cultural, como referenda o eixo *Assim se Faz Arte* do Paralapraca.



Sítio das Artes:
Rua Bispo Coutinho, 780,
Alto da Sé, Olinda • PE.



PAISAGEM FESTIVA

Bois • PI

Bumba meu boi, boi-bumbá, boi de reis, boi-janeiro, boi de carnaval, boi-zumbi, boi-calemba, boi estrela do mar, boi de mamão... Muitos são os nomes dados a este folguedo presente em diferentes Estados brasileiros, mais destacadamente no Nordeste. Não à toa, apareceu nos registros culturais do Paralapraca em vários municípios, através de contação de histórias, atividades de produção dos bonecos de bois e, claro, de muita folia, pois o boi é uma festa em que se brinca, e muito!

Os registros produzidos pelas instituições noticiam algumas das múltiplas possibilidades de abordagem desta paisagem no cotidiano da Educação Infantil, mas sempre é possível descobrir uma nova maneira de brincar uma boa brincadeira, não é mesmo? Até porque, como é próprio dos folguedos populares, se faz de múltiplas linguagens articuladas em torno de um drama, de um enredo que expressa contextos socioeconômicos, histórico-culturais e do imaginário do lugar. Envolvendo música, canto, dança e indumentárias variadas, numa representação dramática brincante, vivida,

vívida e viva na tradição oral, na medida em que se movimentava pelas diferentes comunidades, vai dialogando com cada contexto e se reinventando, como começa a acontecer no Paralapraca.³

Onde surgiu o bumba meu boi?

A equipe do CMEI N. Sra. da Paz, de Teresina • PI, nos conta “que este folguedo surgiu da colonização das terras do Piauí em fins do século XVIII, com as primeiras doações de sesmarias feitas pelo governador de Pernambuco”. A origem do bumba meu boi seria, portanto, pernambucana, como se pode ver nesta antiga modinha que diz:

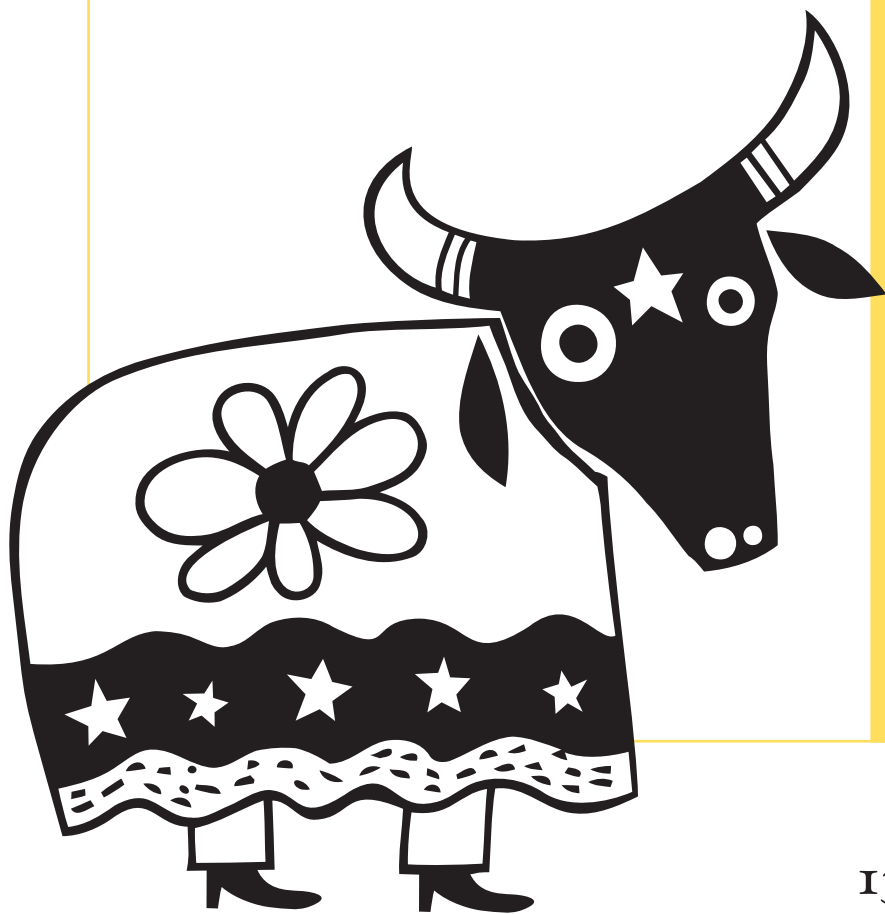
O meu boi morreu
Que será de mim
Mando buscar
outro maninha
Lá no Piauí

Sobre o surgimento da festa, existem diversas versões, até algumas lendas. O que é de consenso, como aponta o registro do CMEI citado acima, “é que o nosso boi originou-se aqui mesmo no Nordeste, uma região colonizada através das fazendas de gado, onde o boi era o centro da sobrevivência local. E o Piauí é o Estado onde esse relacionamento tornou-se mais íntimo. Daí a brincadeira do boi estar revestida de tanta

popularidade, de tanta pompa e colorido”.⁴

Também é reconhecida a ligação do bumba meu boi com outras brincadeiras relacionadas à figura do boi em outros países. Folcloristas como Câmara Cascudo e Rossini Tavares consideram o caráter universal do bailado do boi, apontando que o brasileiro está relacionado, sobretudo, com brincadeiras da França e de Portugal.

O mito do bumba meu boi conta a história da Catirina, mulher do Chico Vaqueiro, que, estando grávida, desejou comer a língua do boi mais bonito da fazenda. Catirina induz o marido a matar o boi. Chico chega a matar o boi. A notícia se espalha e o fazendeiro dono do boi procura o autor do crime. Chico é acusado. Vários doutores são chamados para curar o boi. Depois de muitas peripécias, em que há julgamento e perdão, termina tudo com muita festa e danças, comemorando a cura do boi. Na maioria das brincadeiras, o boi chega a morrer e a ressuscitar.



PAISAGEM SONORA

Lã de açúcar • PB

Conforme Câmara Cascudo⁵, pregões de rua são pequenas vocalizações melódicas utilizadas pelos vendedores ambulantes para anunciar suas mercadorias, o que às vezes se faz acompanhar pelo toque de algum instrumento como uma gaita, sino ou matraca. Encontrados em diferentes tempos históricos e presentes em diversas culturas, os pregões podem ser divididos em individuais (maneira singular de anunciar) e genéricos (utilizados por todos os vendedores daquele mesmo artigo).

A comunidade do bairro do Araxá, na cidade de Campina Grande • PB, onde está localizada a creche Maria Emília Cordeiro Pedrosa, mantém alguns traços e costumes tradicionais. Um deles é o dos pregões de rua, como o do vendedor de algodão-doce, ou lã de açúcar, uma guloseima muito apreciada pelos nordestinos. A criança corre para a rua ao escutar o vendedor gritar:

— Chora menino pra comer lã de açúcar,
chora, chora que ela compra!

E pra quem estiver com o bolso naquela dependência, ele dá um jeitinho:

— Chora menino pra comer lã de açúcar...
Chora, chora ela troca:
penico velho, amassado,
garrafa velha sem tampa.
Chora, chora que ela troca!





O CAMINHO DA MATA J. BORGES



PAISAGEM NARRATIVA

O Caminho da Mata • PE

Era uma vez... um menino chamado Josué. Josué era um menino muito sabido, muito contente, mas muito teimoso e muito malino. Tão malino que não parava quieto de jeito nenhum, vivia com os joelhos ralados, os braços arranhados e os cabelos desgrehados que pareciam que nunca tinham visto pente nessa vida. Tão teimoso que toda vez que sua mãe pedia para ele levar alguma coisa na casa da avó, tinha de repetir que ele tomasse cuidado com a estrada e que não pegasse o caminho da mata, pois era perigoso e cheio de marmota e, mesmo assim, era certeza de ela passar um dia de agonia e preocupação.

Numa manhã de muito sol, ele acordou cedo e, achando que tudo estava muito quieto, foi procurar o que fazer. Já ia subindo num pé de cajá quando sua mãe mandou que ele fosse levar o almoço para a avó. Ele resmungou bem muito, jogou os braços e as pernas como se estivesse sendo mordido pelos maribondos, mas foi.

Naquele dia, Josué encrencou com tudo e com todos que encontrou e, depois de ter andado um bocado, percebeu que estava perto do caminho da mata. Olhou para aquela passagem estreita na beira da estrada, lembrou-se dos conselhos da mãe e sentiu medo, mas quis ficar ali olhando um pouco mais.

Como não viu e nem ouviu nada, achou que aquela conversa de caminho perigoso era tudo invenção da mãe, que era para ele não se distrair com algum animal ou mesmo para não tomar banho no rio.

Assim pensando, abandonou o caminho recomen-

dado pela mãe e entrou na mata. Lá ia ele trotando e rindo como se estivesse montado num alazão. Mas, quando estava passando pela primeira ponte, ouviu um grunhido bem longo. De repente saiu de dentro do rio um bicho enorme, que tinha um fedor terrível e uma cara cheia de buracos. Com os olhos grelados nele, o bicho quis saber:

— Para onde você vai e o que traz aí?

O menino respondeu:

— Vou à casa da minha avó e tenho uma viola e um cavaquinho.

O bicho ordenou:

— Então toque para mim.

Tentando salvar a própria pele, Josué prontamente o atendeu:

— *Minha mãe bem que me disse,
Oi, tengo telengo tengo
que eu não viesse por aqui
Oi, tengo telengo tengo
Mas eu sou muito é teimoso
Oi, tengo telengo tengo
E hoje estou arrependido
Oi, tengo telengo tengo*

Então o bicho lhe disse:

— Ah! Então o menininho é teimoso e valentão.

Hum, eu não vou fazer nada com você não, vá embora, lá na frente você vai encontrar um outro bicho, bem maior e mais feio que eu.

Eta, que Josué saiu dali aperreado. Se existia um bicho ainda maior e mais feio que aquele, era melhor ele se apressar para tentar evitar o encontro. Tratou de andar o mais ligeiro que pôde até passar pela segunda ponte, mas, quando já estava na metade dela, saiu do rio o segundo bicho: era tão feio, mas tão feio, que era impossível olhar para ele por mais de três segundos. O bicho colou cara com cara, esbugalhou os olhos e lhe perguntou:



— Aonde você vai e o que traz aí?
Josué, se desmilinguindo, respondeu:
— Vou pra casa da minha avó e trago uma viola e um cavaquinho.
Resfolegando pausadamente, o bicho berrou:
— Toque para mim!
E, sem muita saída, Josué obedeceu, cantando:

— *Minha mãe bem que me disse,
Oi, tengo telengo tengo
que eu não viesse por aqui
Oi, tengo telengo tengo
Mas eu sou muito é teimoso
Oi, tengo telengo tengo
E hoje estou arrependido
Oi, tengo telengo tengo*

O segundo bicho levantou a cabeça bem alta e abriu a boca o mais que pôde, esguichando uma baba fedorenta e dizendo:

— Então o menino é um valentão?! Mas não sou eu que vou pegar você não, deixarei para meu irmão lá da frente. Ele é que é o terror!

Eta, que Josué quase se borrou de medo nessa hora. Será que existiria mesmo um bicho mais feio e mais medonho que aquele? Sem esperar pela resposta, se picou na carreira e não parou pra nada.

Foi então que ele chegou à terceira ponte, mas, antes que chegasse à metade dela, saiu do meio do mato um bicho que era a coisa mais medonha de feia, pavorosa e horripilante do mundo: tinha uma cacunda enorme, os braços cabeludos, as pernas cheias de veias saltadas, a cara pustulenta e com uma meleca esverdeada escorrendo do nariz que era um nojo só.

Como nas duas vezes anteriores, o bicho quis saber para onde o menino estava indo e o que ele levava nas costas. Josué, que de tão assustado quase

não conseguia falar, disse que ia para casa da avó e que tinha uma viola e um cavaquinho. Então o bicho, cuspindo nas mãos, pediu que ele tocasse. Pedido a que Josué obedeceu imediatamente:

— *Minha mãe bem que me disse,
Oi, tengo telengo tengo
que eu não viesse por aqui
Oi, tengo telengo tengo
Mas eu sou muito é teimoso
Oi, tengo telengo tengo
E hoje estou arrependido
Oi, tengo telengo tengo*

O menino já esperava ser devorado por aquele monstro e se encolheu todo, apertou a viola e o cavaquinho nos braços e fechou os olhos bem apertados. Foi então que o bicho teve pena dele, deu um suspiro e, em vez de comê-lo, o mandou ir pedir perdão à sua mãe, se arrepender da teimosia e nunca mais se meter a valentão. Josué, com um sorriso nas orelhas, obedeceu.

*E assim aconteceu
Oi, tengo, telengo tengo
O que acabei de contar
Oi, tengo, telengo tengo
Se gostaram, muito bem
Oi, tengo, telengo tengo
Se não gostaram, azar
Oi, tengo, telengo tengo.*

Transmitida por Maria do Socorro Albuquerque.
Recolhida por Cida Freire — assessora do
Paralapraca em Jaboatão dos Guararapes · PE.





PAISAGEM
LÚDICA

Mané-Gostoso

Do *manema* tupi-guarani, que significa mofino, frouxo, nasceu o nosso Mané-Gostoso (também conhecido como Mané-Coco, Mané-Besta ou Pai-Mané), boneco de engonço que, ao ter tensionados os cordões que lhe prendem as mãos, executa acrobáticos movimentos cheios de malemolência.

Conforme Cida Freire, assessora do Paralapracá, lá em Jaboatão dos Guararapes · PE, sua manipulação é acompanhada de alguns versos que dão à brincadeira uma rítmica singular.

*Meu calango é bom,
é bom demais!
Dá pulo pra frente
Dá pulo pra trás
Meu calango faz
coisa que véi não faz*

Como se brinca

Os versos são cantados ao mesmo tempo que se manipula o Mané-Gostoso.



PAISAGEM ARTÍSTICA

Bajado: um artista de Olinda · PE

Conforme Wilma Maria da Silva, professora da Escola Municipal Novo Horizonte em Jaboatão dos Guararapes · PE, Bajado é um pintor primitivista que se intitulava “Um artista de Olinda”, nasceu na cidade de Maraial, na Zona da Mata Sul de Pernambuco, em 1912, quando foi batizado Euclides Francisco Amâncio.

Em 1930, mudou-se para o Recife, fixando-se posteriormente em Olinda, onde durante anos morou na casa de nº 186 da Rua do Amparo. Tendo sido bilheteiro do cinema de Olinda, iniciou pintando cartazes para cinemas e letreiros para lojas.

Nos idos de 1960, começou a dedicar-se à pintura de telas com tinta esmalte. A arte ingênua de Bajado tornou-se conhecida internacionalmente. O artista chegou a ser considerado pelo jornal francês *Le Monde* como um dos maiores pintores primitivistas do mundo. Faleceu em 1996, aos 84 anos de idade.

Em 1991, na sua casa em Olinda, já doente e quase cego, desenhava compulsivamente. Com uma caneta hidrocor se autorretratava e fazia inúmeros desenhos dos caubóis americanos Tom Mix e Buck Jones. Todos esses desenhos, feitos naquela ocasião, foram guardados pelo também poeta e fotógrafo José Rodrigues Correia Filho. Apaixonado por futebol e torcedor fanático do Santa Cruz, fez inúmeras telas retratando o tema e o time coral.

Embora reconhecido internacionalmente, morreu pobre e sem recursos para financiar os tratamentos de saúde de que necessitava. Bajado é considerado hoje não apenas um artista de Olinda, mas também um patrimônio da cultura pernambucana.





PAISAGEM LÚDICA **Melancia • CE**

Na cultura lúdica da infância são comuns as brincadeiras em que o jogo dramático dá o tom da alegria. Uma das mais tradicionais é a brincadeira da Melancia, que acontece com variantes de lugar a lugar, mas que apresenta personagens básicas comuns e um enredo bastante assemelhado.

A que segue abaixo foi inspirada na versão recolhida pela professora Solange da Silva Galdino, da Creche Severino Cabral, em Caucaia • CE, e transmitida pelo menino Edson Francisco, morador de uma comunidade próxima à creche. Conforme a professora, Edson “brinca muito na rua e gosta de trazer suas experiências” para com-

partilhar nas rodas de conversa.

No momento em que ela conversava com as crianças, indagou sobre as brincadeiras aprendidas com seus pais e o menino de imediato citou a Melancia. Como esta não era conhecida de todos, ele foi explicando como se brincava, descrevendo e encaminhando a experiência prática para que todos aprendessem sentindo a dinâmica da brincadeira. A alegria das crianças foi tamanha que Solange resolveu fazer o registro fotográfico e escrito da brincadeira. Quiçá, a brincadeira da Melancia rode bastante e torne saborosa a infância de muita criança por aí.

Preparação

Organiza-se o grupo definindo, por livre escolha ou por meio de algum formulete, os papéis a serem desempenhados por cada criança: “dono das melancias”, “Maria”, “cachorro” e “ladrão”. Os demais participantes fazem o papel de “melancia”, e ficam perfilados, um ao lado do outro.

Como se brinca

O “dono das melancias” arruma suas “melancias” no quintal e se põe a examiná-las, uma a uma, dando tapinhas de três dedos na barriga delas, buscando certificar-se de que estão maduras. Cada “melancia”, no momento do exame, estufa a barriga o mais que pode e o “dono das melancias” vai confirmando ou não sua maturidade dependendo do som produzido pela barriga tocada, devendo esta ter som similar ao de uma melancia madura. Caso o “dono das melancias” não considere alguma melancia madura, esta pode entrar novamente na fila e estufar mais a barriga até ser aceita como madura.

Com todas as “melancias” consideradas maduras, o “dono das melancias” pede a “Maria” que tome conta delas até ele voltar do trabalho. “Maria” diz que vai deixar o cachorro tomando conta e o dono da fazenda sai de cena.

O “ladrão” chega jogando uma bola para dentro do quintal e, enquanto o cachorro corre atrás da

bola, ele pede a “Maria” a chave para apanhá-la. “Maria” entrega a chave e ele finge que vai pegar a bola, mas na verdade escolhe a melancia que considera mais madura e a rouba sem que ninguém veja. A cena se repete até que não reste mais nenhuma “melancia”.

Voltando para casa, o “dono das melancias” fica furioso ao perceber que foi roubado e pede explicações a “Maria”, que, por sua vez, conta a história do homem que veio várias vezes pegar uma bola no quintal.

Ralhando com a pobre da “Maria”, o “dono das melancias” sai à procura do “ladroão” para tentar recuperar as suas frutas. Quando se aproxima do “ladroão”, pergunta pelas “melancias”, e este indica um lugar distante para ele ir à procura. Enquanto isso ele esconde as melancias, que correm de um lugar para outro tentando se esconder, mas com a ajuda do cachorro, que late ferozmente para as melancias fujonas, o dono vai capturando uma a uma, até recuperar todas. A brincadeira recomeça com a troca de papéis.



FIGURINHA CARIMBADA

Dorival Caymmi é muita onda! • BA

Poucos meses antes de ser declarada a Primeira Guerra Mundial, mais precisamente no dia 30 de abril de 1914, nasceu o compositor, cantor e violonista Dorival Caymmi, maior representante do já folclórico sossego baiano. Filho de um funcionário público que tocava violão, bandolim e piano, não tardou a tomar gosto pela música e aprender a tocar violão com seu pai e com um tio.

Aos 21 anos começou a participar de diversos programas na Rádio Clube

da Bahia e em 1936 venceu o concurso de músicas para o Carnaval baiano com o samba *A Bahia também dá*. No ano seguinte, mudou-se para o Rio de Janeiro e teve seu samba *O que é que a baiana tem?* interpretado por Carmem Miranda e incluído na trilha sonora do filme *Banana da Terra*. Em dueto com ela, cantou este mesmo samba em seu primeiro disco, com grande sucesso, nos idos de 1939.

Em 1940, casou-se com a cantora Stella Maris, teve seus três filhos (Nana, Danilo e Dori Caymmi) e foi pouco a pouco se firmando como o compositor dos maiores clássicos de nosso cancionário popular, sendo até hoje revisitado pelas novas gerações. Entre as décadas de 40 e 60, compôs a maior parte de sua obra. Entre suas mais inspiradas composições, destacam-se sucessos como: as tributárias do mar *É doce morrer no mar*, *O mar*, *Promessa de pescador*, *Suíte dos pescadores*, *Temporal*, *Pescaria*, *A jangada voltou só*, *O bem do mar*, *A mãe d'água e a menina*; as dedicadas às musas *Rosa Morena*, *Dora*, *Marina*, *Vou ver Juliana*, *Doralice*, *Das Rosas*, *Morena do Mar*, *Maracangalha*, *Modinha para Gabriela*; as que cantam a Bahia *O samba da minha terra*, *Você já foi à Bahia?*, *Saudade da Bahia*, *Lá vem a baiana*, *Vatapá*, *2 de fevereiro*, *Itapuã*, *Saudade de Itapoã*, *Oração da Mãe Menininha*; a autobiográfica *Peguei um Ita no Norte*; as que remetem à infância *Roda pião*, *Santa Clara Clareou*, *Dona Chica*, *Acalanto*; e a clássica *João Valentão*.

Como seixos rolando numa corredeira, desceram as canções de Caymmi pelos ouvidos da alma brasileira por mais da metade do século xx. Os efeitos dessa fruição são citados por todos os grandes compositores brasileiros que vieram depois.

Com sua morte, em 16 agosto de 2008, aos 94 anos, a música popular brasileira teve uma ressaca tão violenta que o compositor Aldir Blanc declarou na oportunidade: “Comparo a perda dele a uma catástrofe ecológica. Ficamos sem mar, sem vento, sem rio, sem floresta. Ficamos num deserto”. Maria Bethânia arrematou: “É uma perda muito grande para o planeta e especialmente para nós, da Bahia. Mas não podemos

ficar só na perda, um ser como ele morre, mas vira encantado de imediato, porque o que ele plantou florescerá. Por sua força, simplicidade e genialidade, foi um luxo podermos viver ao mesmo tempo que ele”.

De fato, poucos depois dele souberam conjugar genialidade e simplicidade e nenhum tão *caymmianamente*. Sim, Caymmi ensina a ser “simples”, coisa que outros baianos mais tolos costumam entender como ser “fácil”. Perdoai-vos Caymmi, eles não sabem o que fazem. Nem se deram conta de que ainda hoje você é muita onda.



Dorival Caymmi é uma graça

Apreciador da cultura popular da Bahia, Caymmi sempre abriu espaço em seus discos para registrar as adaptações que fazia de cantigas tradicionais. Uma delas é a *Fiz uma viagem*, da qual existem muitas variantes, que narra as desventuras de um hipotético retirante que deixa seu turrão levando o que lhe resta, em busca de vida melhor, e vai perdendo tudo no caminho. Mas aqui, diferentemente do que acontece com os retirantes da vida real, as coisas se passam com muita graça e não é raro que ao final os ouvintes já estejam às gargalhadas.

Fiz uma viagem

Dorival Caymmi

*Eu fiz uma viagem
A qual foi pequeninha
Eu saí dos Olhos d'Água
Fui até Alagoinha
Agora colega veja
Como carregado eu vinha
Trazia minha nega
E também minha filhinha
Trazia o meu tatu-bola
Filho do tatu-bolinha
Trazia o meu facão
Com todo o aço que tinha
Vinte couros de boi manso
Só no bocal da bainha
Trazia uma capoeira
Com quatrocentas galinhas
Vinte sacos de feijão
E trinta sacos de farinha
Mas a sorte desandou
Quando eu cheguei em Alagoinha
Bexiga deu na nega
Catapora na filhinha
Morreu o meu tatu-bola
Filho do tatu-bolinha
Roubaram o meu facão
Como todo o aço que tinha
Vinte couros de boi manso
Só no bocal da bainha
Morreu minha capoeira
Das quatrocentas galinhas
Gorgulho deu no feijão, colega
E deu mofo na farinha*



PAISAGEM
GASTRONÔMICA

Cajuína, Teresina • PI

No Nordeste brasileiro, as temperaturas costumam ser elevadas e é bastante difundido o fabrico de refrescos caseiros para aliviar o calor. Um refresco muito apreciado na região Nordeste é a cajuína. E para conhecermos um pouco melhor esta bebida, o CMEI Hercília Torres, além da receita, enviou um conjunto de informações que ajudam a valorizá-la ainda mais.

Saiba que a cajuína é uma bebida típica do Piauí, tanto que já foi adotada como símbolo cultural da cidade de Teresina e considerada Patrimônio Cultural do Estado do Piauí. Uma curiosidade sobre a sua criação é que foi inventada em 1900 pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo, que pretendia utilizá-la no combate ao alcoolismo por considerá-la um substituto benévolo para a cachaça.

Preparada a partir do suco de caju, não contém álcool, é clarificada, esterilizada e caramelizada pelos açúcares naturais do suco, o que lhe dá uma bela cor amarelo-âmbar. Importante destacar que o seu preparo é artesanal, sendo feita através das seguintes etapas: extração do suco de caju, filtração, adição de gelatina (para a retirada da substância que dá a sensação de “travamento” na garganta), separação dos taninos, clarificação e envasamento em garrafas de vidro para não perder seu sabor original, podendo ser consumida gelada ou natural.

Ingredientes

5 quilos de caju
Gelatina em pó branca (sem sabor)
Caramelo (opcional)



Modo de preparo

Dissolver 10 g de gelatina em 100 ml de água fervente e reservar. Lavar os cajus com água corrente e extrair o suco. Coar em peneira grossa para retirar as fibras mais grosseiras. Adicionar a solução de gelatina ao suco, aos poucos, e deixar em repouso durante 5 minutos, até flocular a polpa. (Obs.: a quantidade de gelatina dissolvida é de 10 a 20 ml por litro.) Filtrar em panos de algodãozinho ou feltro. Adicionar 10 ml de caramelo por litro, para corar. Encher as garrafas e fechar. Cozinhar em banho-maria por 30 minutos, contados após o início da fervura. Se preferir não adicionar o caramelo, cozinhar por 1 hora e 30 minutos ou 2 horas. Resfriar as garrafas em água corrente, dentro do próprio recipiente do cozimento. Armazenar em lugar fresco e arejado.

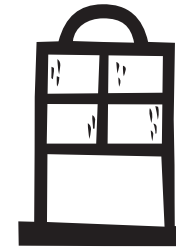
A canção *Cajuína*, do cantor e compositor Caetano Veloso, é uma homenagem ao amigo, poeta e jornalista piauiense Torquato Neto, um de seus parceiros e nome fundamental do Tropicalismo. Ver *Figurinha Carimbada* na página 30.



Cajuína

Caetano Veloso

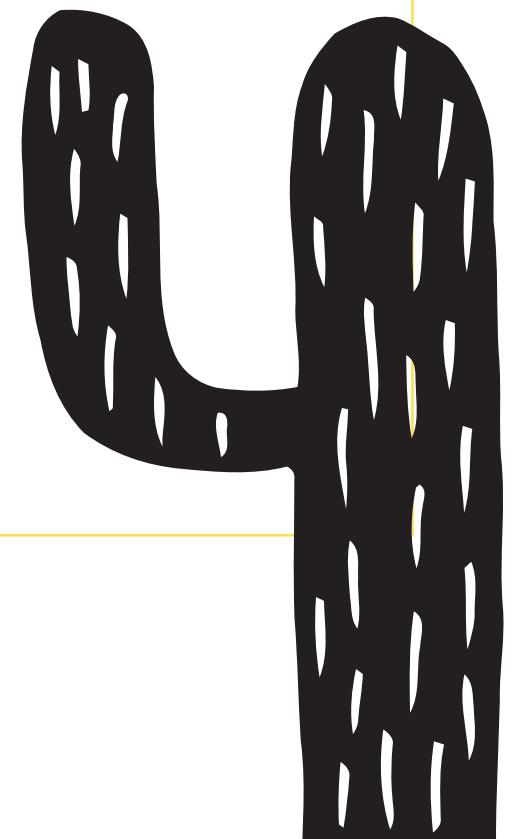
*Existirmos: a que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva-se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina*



PARAGEM

Casa dos bonecos gigantes • Olinda • PE

A Casa dos Bonecos Gigantes, como o próprio nome indica, abriga os conhecidos e tradicionais bonecos gigantes que desfilam durante o Carnaval pelas ruas e ladeiras da cidade de Olinda. Confeccionados pelo artista plástico Silvio Botelho, os bonecos, com feições exageradas, medem cerca de três metros e meio de altura e caracterizam diversos personagens da cultura popular brasileira. O mais famoso deles



é o “Homem da Meia-Noite”, que abre oficialmente o desfile carnavalesco todos os anos.

Quem esteve lá e enviou a dica dessa paragem foram as professoras da Escola Nicéa Cahú, de Jaboatão dos Guararapes · PE. Após o compartilhamento dos relatos e dos registros fotográficos com as crianças, uma visita com as turmas ficou na pauta das coisas por fazer, não só para a ampliação do universo cultural delas, mas também para a fruição e deleite. Afinal, os bonecões, vistos de perto, oferecem outras belezas.

O museu, localizado na Rua do Amparo, 45, Cidade Alta, Olinda · PE, funciona de segunda a sábado, das 8h às 13h e das 14h às 18h. Telefone: (81) 3439-2443.



PAISAGEM
GASTRONÔMICA
**Aluá de milho
ou abacaxi · PI**

Na família dos refrescos populares, além da cajuína (página 19), temos o aluá, bebida tradicionalmente fermentada em talhas de barro, à base de abacaxi (em algumas comunidades se utilizam apenas as cascas do fruto), milho ou arroz, que são deixados em infusão na água e adoçados com rapadura ou açúcar. Originário da África, o aluá é bastante apreciado em

Teresina · PI. Confira a receita enviada pelo CMEI Hercília Torres.

Ingredientes

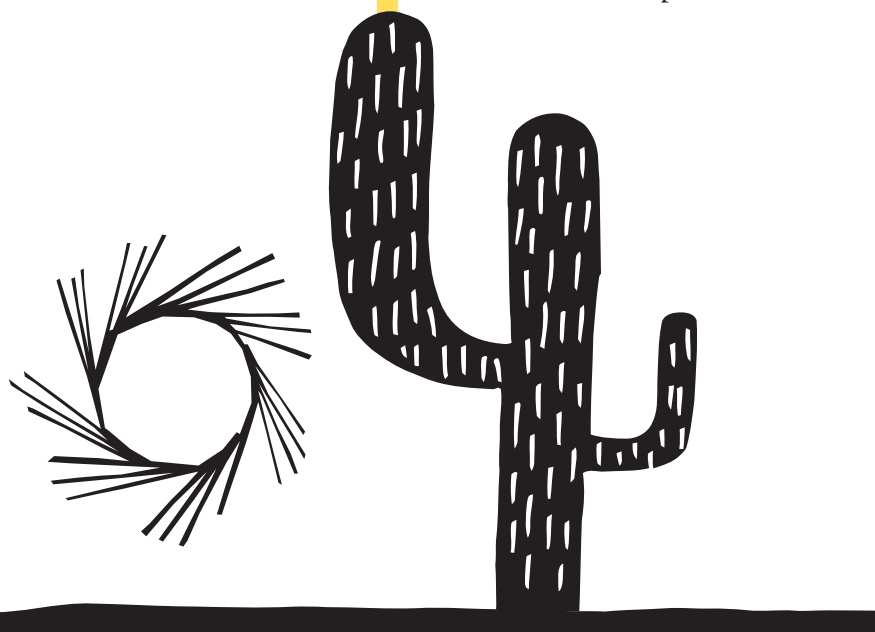
5 espigas de milho grandes
(ou cascas de 2 abacaxis)
Açúcar mascavo
Água
Gengibre

Modo de preparo

Tostar uma parte do milho, sem deixar pipocar. A outra fica ao natural. Triturar o milho torrado e colocar as duas quantidades numa vasilha de barro para fermentar durante o período de sete dias. Juntar o açúcar mascavo para apressar a fermentação. Já fermentado, coar e pôr um pouco de gengibre picado e açúcar a gosto. No caso do abacaxi, basta colocar as cascas de infusão da mesma maneira por igual período. Adoçar e servir.

*Quem quiser comprar
suspiro, ai
Vá em casa qu'eu dô dado, ai
Eu tenho um pé de suspiro, ai
Que dá suspiro dobrado, ai*

Pregão recolhido em
Botucatu, São Paulo,
em 1945, por Rossine
Tavares de Lima





Outono

Pertencente ao período frio e/ou chuvoso do ano, chamava-se inicialmente *Tempus Autumnus*, que quer dizer tempo do ocaso, do declínio



Sucedendo ao verão e precedendo o inverno, é característico no outono que as temperaturas médias tenham um abaixamento, o que, em algumas regiões, costuma vir acompanhado de um paulatino amarelecer e queda das folhas das árvores. Conforme a astronomia, no hemisfério Norte é chamado *Outono Boreal* e no hemisfério Sul, o que é o nosso caso, é chamado *Outono Austral*. Portanto, para os viventes no hemisfério Sul, o *Outono Austral* se inicia no equinócio de março, dia 21, e termina no solstício de inverno, dia 21 de junho.



PAISAGEM
LÚDICA
Bila · CE

Os jogos utilizando bolinhas (de gude, barro, metal, madeira) estão entre os mais difundidos na cultura lúdica da infância nordestina, mas apresentam variações regionais de linguagem e de regramento, além de singularidades estabelecidas pelos nichos comunitários de alguns Estados. Em Caucaia · CE, por exemplo, o jogo é chamado de “bila” e acontece conforme regras cultivadas na tradição local. Segue abaixo a descrição de um dos modos de brincar com as bolinhas enviada por Maria das Graças Oliveira do Nascimento, pela instituição NEDI Emanuel.

Preparação

Traçar um triângulo no chão e “casar” (colocar em disputa) algumas bilas nos vértices, nas linhas ou no centro do triângulo. Estabelecer,

por consenso, a distância da “raia” de saída (de onde se fará o primeiro lançamento) riscando uma linha no chão. Utilizar algum formulete de escolha para decidir a ordem dos jogadores.

Como se brinca

A partir da “raia”, os jogadores atiram suas bilas de “joga” em direção ao triângulo, buscando deslocar para fora dele uma ou mais das bilas “casadas”. As que forem deslocadas passam a pertencer a quem as deslocou. Se a bila de “joga” passar pelo triângulo, mas não deslocar nenhuma das “casadas”, a vez é do próximo jogador, que poderá lançar sua bila a partir da “raia” ou de onde parou, se não for o primeiro lance. Caso a bila de “joga” pare dentro do triângulo, o jogador perderá essa bila, que ficará “casada”, e terá que utilizar outra bila quando for de novo sua vez. Caso a bila de “joga” não chegue ao triângulo e fique no meio do caminho, esta bila pode ser “atingida” pelo próximo jogador, passando a ser deste e, inclusive, podendo servir de ponto intermediário de aproximação do triângulo no próximo lance. Vence quem conseguir retirar o maior número de bilas “casadas”.

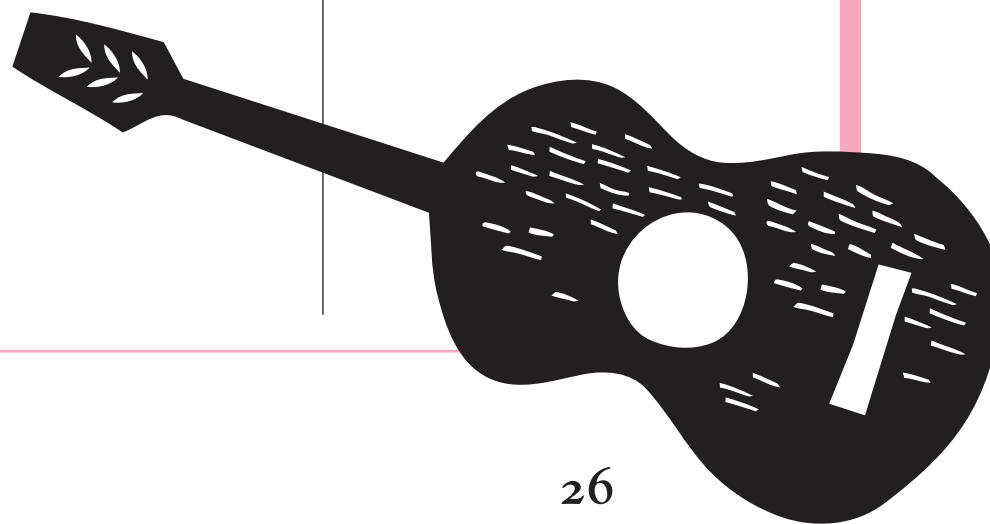


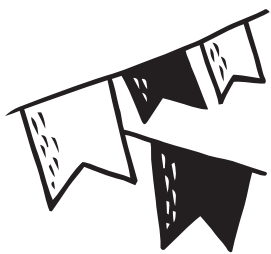
PARAGEM

**Centro de Artesanato
Mestre Dezinho · PI**

Em frente à Praça Pedro II, a Central de Artesanato Mestre Dezinho integra o complexo cultural do centro de Teresina · PI. O local, que já foi sede da Polícia Militar durante os tempos da ditadura, hoje abriga 25 lojas de produtos artesanais confeccionados à base de fibras, couro e talos de buriti, além de auditório para eventos, palco para shows, lanchonete e escola de música. Seu nome é uma homenagem a um dos mais importantes artesãos do Piauí, Mestre Dezinho de Valença (ver *paisagem artística na página 35*), que faleceu em fevereiro de 2000.

Uma verdadeira feira de arte e da cultura piauienses, a Central de Artesanato Mestre Dezinho abriga oficinas de arte e tudo o mais que pode ser feito pelas mãos de seus mestres.





PAISAGEM FESTIVA

Bata do feijão · BA

Acontecendo geralmente entre os meses de setembro e outubro, as batatas de feijão fazem parte das festividades tradicionais da Quixabeira⁶, território que se estende das zonas rurais de Feira de Santana à região sisaleira, nas proximidades dos municípios de Valente e Santa Luz, no sertão baiano. Diferente dos sambas de roda, das chulas e reisados, as *batatas de milho e de feijão* e os *bois de roça* pertencem à tradição dos cantos de trabalho, que funcionam como elemento de ludicidade na realização do plantio, tratamento (as batatas) e colheita de forma coletiva.

Os cantos de trabalho podem ser entendidos como manifestações que fazem parte da relação mágico-ancestral de homens e mulheres com a natureza, marcando a vida comunitária de diversos povos, como forma de amenizar o esforço físico, dar ritmo e cadência ao labor, e também como forma de comunicação e resistência. Nas fazendas e engenhos, os cantos de trabalho

eram a forma que os negros escravizados encontraram também para se comunicarem e manter a alegria diante da exaustiva jornada de trabalho em cativeiro a que estavam submetidos.

Na Escola Municipal Alda Marques, em Feira de Santana · BA, a bata do feijão inspirou as professoras Livia e Sandra a oportunizar várias experiências e aprendizagens ao grupo de três anos:

“Conversamos como é feita a bata do feijão, onde o dono da roça bota o feijão para secar. Depois de as vagens estarem secas, o dono da roça chama os vizinhos para ajudar no trabalho de debulhar. Todos os homens fazem uma grande roda com um pau na mão e começam a bater na vagem seca que está no terreiro, e vão cantando a música. Depois de separar o feijão da vagem, eles separam o feijão e jogam as vagens secas no mato para adubar a terra. Enquanto este é o trabalho dos homens, as mulheres estão fazendo feijoada para todos comerem”.

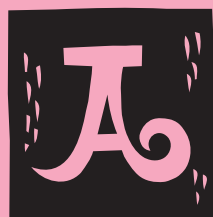
Ainda, segundo as professoras, as crianças cantaram, tocaram, movimentaram-se e aprenderam sobre plantio e colheita. Plantaram e cuidaram de seus pés de feijão, em sintonia com a ampliação de seus repertórios culturais, musicais e festivos. E em meio a essas divertidas vivências, conheceram e cantaram um dos cantos das batatas da região:

*Tanta gente pra comer,
E eu sozinho pra bater
Bate feijão, Mané João
Que eu quero ver
palha no chão*

Na região de Quixabeira os cantos atravessaram gerações, foram se modificando e se adequando a novas realidades. Como nos relata Sandro Santana⁷, durante as batatas, geralmente se reúne toda a família, incluindo mulheres e crianças. Enquanto os homens vão dando porretadas nas vagens e juntando as partes que se espalham com os pés, as mulheres seguem em fila, retirando com uma peneira as cascas que sobraram. Depois das batatas, é comum as mulheres cantarem suas cantigas de roda enquanto peneiram. Uma das canções comumente cantadas nessas ocasiões, *Amor de longe*⁸, se tornou bastante conhecida através do grupo Quixabeira de Lagoa da Camisa:

*Amor de longe, benzinho
É favor não me
querer, benzinho
Dinheiro eu não
tenho, benzinho
Mas carinho
eu sei fazer até demais*





PAISAGEM NARRATIVA

A onça e o macaco • CE

A rivalidade da onça com o macaco não é nova nos contos populares, tampouco estão esgotadas as possibilidades de contar os embates entre os rivais recombinação as narrativas de diferentes episódios.

Foi o que aconteceu na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Adélia Crisóstomo, no município de Caucaia • CE. A coordenadora Jamila Andrade Lima e a professora Iracema Lima da Silva convidaram a avó de uma criança (o Gabriel do Nascimento Silva), a senhora Maria Arinda do Nascimento Silva, para contar histórias para toda a turma.

No dia combinado para a roda de contação, dona Arinda resolveu fazer um combinado de várias histórias em que os protagonistas eram a onça e o macaco e em sua narrativa trouxe à superfície alguns dos mais tradicionais contos populares de que se tem notícia.

Segue abaixo a compilação de parte dos que ela contou, de uma maneira própria, pessoal e intransferível, mas que, por terem aqui um registro escrito, podem até estimular outras rodas de contação por aí.

A onça e o macaco

No tempo em que os bichos falavam e os homens não sabiam mentir, aconteceu o que vou contar.

Bem no meio da floresta da Caucaia vivia uma onça muito feroz que vivia devorando os bichos sem piedade. O único bicho que ela não conseguia pegar era o macaco. Ladino que só ele, o macaco, além de escapar da predadora, ainda fazia chacota da bicha e punha toda a floresta para rir dela. Por isso, a coisa que mais ocupava o juízo da onça era dar a paga nas muitas traquinagens que o macaco já havia aprontado com ela. Passava as tardes a bolar uma patacoada para pegá-lo e queria ter toda a bicharada como plateia.

Numa bela tarde de raios, trovões e tempestades, lá estava a onça em seu cochilo habitual, quando ouviu uma zoadada no meio do mato. Abriu um dos olhos e viu, de soslaio, que a raposa havia abocanhado um mocó e o sacudia de um lado para o outro, mas reparou também que o desinfeliz não esboçava a menor reação. A seguir, viu a raposa largar o bicho lá mesmo e sair resmungando:

— Vixe! O miserável tá morto — e dando um muxoxo, arrematou: — Bicho morto eu não como não, que me ofende o estrombo.

Com a raposa ao longe, a onça ia voltando ao seu cochilo, mas notou que, de súbito, o tal do mocó se pôs de pé na maior ligeireza e partiu a mil. Foi o bastante para a onça desresmungar:

— Mas que mocó sabido. Bancou o morto e enganou a raposa. Por que eu não pensei nisso antes?!

A onça acabava de encontrar um jeito de pegar o macaco. Iria se fingir de morta para que os bichos se aproximassem. Sendo o macaco muito curioso, não demoraria até que ele fosse conferir de perto sua morte e nessa hora a onça cravaria os dentes no malino.

Para assegurar-se de que o boato se espalharia rapidamente, capturou um papagaio, mas liberou a ave assim que ela se comprometeu a espalhar que a onça havia morrido. E assim foi. O papagaio espalhou aos quatro ventos que a onça era finada e rapidamente formou-se uma aglomeração em torno



da falsa defunta. Enquanto a indaga se formava entre a paca, o tatu, a cotia, o sariguê, o teiú, o camaleão, a seriema e outros bichos, a bichana respirava o mais devagar que conseguia para não levantar suspeita, mas gargalhava por dentro pensando no pavor do macaco quando estivesse entre seus dentes.

Com tanta zoadá, não tardou para o macaco também aparecer, mas, desconfiado da cena, preferiu ficar no alto de uma árvore e lá de cima indagou ao compadre teiú:

— Compadre teiú, quer dizer que a muxibenta da onça tá morta mesmo, é?

— Pois é, compadre. Desta vez ela bateu a caçuleta pra valer!

— E doutor urubu já fez o atestado de óbito dessa bicha?

— Oxente, fez nada! Por isso ninguém se aproximou da fera até agora.

Nesse tempo, chegou o carcará e também estranhou a cena. Precavido, se aproximou, deu uma bicada bem forte na perna da onça, para tirar a prova e voou para o alto de uma árvore. A tnhosa quase foi na Lua de tanta dor, mas aguentou firme para conseguir seu tento. Como não percebeu reação, o camaleão ficou todo empolgado e puxou um louvor:

— Louvada seja a natureza!

Mas bem antes de o coro encampar a resposta, o macaco quis saber:

— E ela já deu um espirro?

Ao que coro prontamente respondeu: — Não!

— E dois arrotos? — seguiu o macaco.

— Não!! — admirou-se a bicharada.

— E três puns?

— Não!!! — respondeu o coro ainda mais espantado.

E do cimo da árvore, o macaco arrematou:

— Então não está morta! Minha avó, quando morreu, deu um espirro, dois arrotos e três puns. Esses são os verdadeiros sinais da morte.

Ao ouvir o que disse o macaco, a onça não

titubeou: deu um espirro, dois arrotos e três puns violentos, que rapidamente empestearam o ambiente.

Foi o bastante para os bichos dispararem na carreira, afinal, ninguém nunca tinha visto defunto espirrar ou arrotar e, piorou, soltar puns. E, enquanto a bicharada fugia, o macaco gargalhava no alto da árvore e mangava da onça que, a essa altura, lhe dizia as do fim enquanto espumava de ódio e prometia vingança:

— Deixa estar macaco, a vingança é um prato que se come frio no tempo.

E, de fato, o tempo passou. Mas não esfriou; na verdade, secou. E a seca foi tão braba que só restou uma cacimba no pé da serra.

A onça viu aí uma ótima oportunidade de ir à forra. Montou plantão dia e noite junto da cacimba e esperou pacientemente pela visita do macaco. E ele bem que tentou evitar, mas depois de três dias a sede falou mais alto. Só que o bicho é macaco velho e rapidinho bolou um plano para beber água sem ser pego. Descolou duas cabaças de mel de urucu com o compadre tamanduá e se besuntou dos pés a cabeça. Depois saiu bolando por sobre folhas secas, que grudaram em seus pelos de uma maneira que não restou macaco à vista.

Irreconhecível, saiu o macaco por ali e acolá se apresentando como Folhindo, e assim que o Sol se pôs, aproveitou da pouca luz para melhor camuflar sua identidade. Ao se aproximar da cacimba, foi abordado pela onça, que, medindo-o de cima a baixo, inquiriu:

— E que bicho é você, que eu nunca vi por essas bandas?

Empostando a voz, o macaco desresmungou:

— Oxente, dona onça, sou Folhindo, visse? E careço beber uma aguinha, senão começo a vazar uma gosma podre que fede por três meses.

Com medo de a podridão vazar bem no pé da cacimba e contaminar a água, a onça não teve alternativa senão liberar o acesso. Se passando pelo tal Folhindo, o macaco adentrou a cacimba e caiu



de boca. E tome-lhe a beber água: e bebe que bebe, e bebe que bebe, e bebe que bebe. E a refrescar-se nas delícias do banho: e banha que banha, e banha que banha, e banha que banha. Só que nisso, as folhas começaram a soltar, desmanchando o disfarce pouco a pouco.

Quando a onça se deu conta do disfarce do malandro e de que tinha sido enganada mais uma vez, era tarde demais. O macaco já tinha saciado sua sede, subido em uma árvore no entorno da cacimba e se posto a pirraçar a onça sem piedade:

— Agora cantem comigo, um dizer que é bem certo: (cantarolando) "Na terra em que a onça é besta / O macaco é o mais esperto".

Cercada pelas gargalhadas de toda a bicharada, só restou a onça bater em retirada, adiando a escrita da sua vingança para uma outra história.

E assim acaba este conto, que não foi feito por mim. Ele é do povo, é anônimo, e sempre se aumenta um tiquinho. Se achou bom, continue. Comece outro, nesse fim.



PARAGEM

Centro Cultural de Cultura e Arte · Feira de Santana · BA

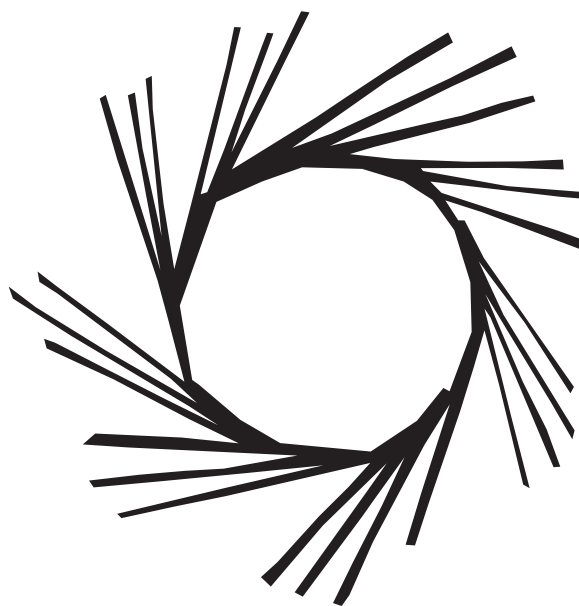
O Centro Cultural de Cultura e Arte (Cuca), fundado no ano de 1995, é o órgão responsável pelo planejamento, coordenação e execução das estratégias e da política cultural da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Sua estrutura física reúne os seguintes espaços: o Museu Regional de Arte, a Galeria de Exposições Tem-

porárias Carlo Barbosa, o Laboratório de Arte-Ciência, a Biblioteca Setorial Pierre Klose, o Seminário de Música, as Oficinas de Criação Artística, o Teatro Universitário, o Teatro de Arena, o Laboratório de Informática, entre outros.

O Centro desenvolve atividades nas mais diversas áreas e linguagens artísticas, tais como música, dança, artes plásticas e criação literária. Também possui projetos voltados para a integração ciência e arte, além de estimular e apoiar manifestações oriundas da cultura popular.

Endereço: Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Avenida Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, em Feira de Santana · BA.
Telefone: (75) 3221-9766.
Email: cuca@uefs.br. Site: <http://www.uefs.br/portal/sites/cuca>





FIGURINHA CARIMBADA

Torquato Neto • PI

Torquato (Pereira de Araujo) Neto (1944-1972), poeta, letrista, jornalista, cineasta e roteirista, nasceu em Teresina - PI e é considerado um dos principais nomes do chamado Tropicalismo. Como letrista, compôs ao lado do poeta José Carlos Capinam a música *Soy Loco por ti América*, além de outras canções emblemáticas em parceria com Caetano Veloso, Gilberto Gil, Edu Lobo e Jards Macalé e póstumas, como com Sérgio Brito e Luiz Melodia.

Torquato atuava como um agente cultural e polemista, defensor das manifestações artísticas de vanguarda, como o já citado Tropicalismo, o Cinema Marginal e a Poesia Concreta, circulando no meio cultural efervescente da época, ao lado de amigos como os poetas Décio Pignatari, Augusto e Haroldo de Campos, o cineasta Ivan Cardoso e o artista plástico Hélio Oiticica.

É interessante notar como as ideias de Torquato Neto influenciaram não somente o Tropicalismo, mas também a geração da música pop brasileira dos anos 1990, a exemplo de Chico Science e Nação Zumbi. Vejamos uma delas: “Assumir completamente tudo que a vida dos trópicos pode dar, sem preconceitos de ordem estética, sem cogitar de cafonice ou mau gosto, apenas vivendo a tropicalidade e o novo universo que ela encerra, ainda desconhecido”.

Como jornalista, destacou-se como autor da coluna de artes e espetáculos *Geleia Geral*, no jornal *Última Hora*, além de uma coluna musical no *Jornal dos Sports*. Essa parte da sua produção, ao lado de poemas inéditos e cartas a Hélio Oiticica, foi compilada pelo poeta baiano Wally Salomão, no livro *Os últimos dias de Paupéria*. No cinema, atuou no filme *Nosferato no Brasil*, de Ivan Cardoso, além de dirigir e escrever outros roteiros em sistema Super 8.

Discografia

Tropicália ou panis et circensis (1968) — Philips LP

Os últimos dias de Paupéria (1973) — Eldorado Editora — Compacto simples

Torquato Neto — *Um poeta desfolha a bandeira e a manhã tropical se inicia* (1985) — RioArte/Prefeitura do Rio de Janeiro e Governo do Estado do Piauí — LP

Todo dia é dia D (2002) — Dubas Música — CD

Bibliografia

Torquato Neto. Os *Últimos Dias de Paupéria*. (Org. Ana Maria Silva Duarte e Waly Salomão), Rio de Janeiro: Max Limonad, 1984.

Torquato Neto. *Torquatália — do Lado de Dentro: Obra Reunida de Torquato Neto* (vol. 1). (Org. Paulo Roberto Pires). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

Torquato Neto. *Torquatália — Geleia Geral: Obra Reunida de Torquato Neto* (vol. 2). (Org. Paulo Roberto Pires). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

Zabelê

Torquato Neto

Minha sabiá
Minha zabelê
Toda meia-noite eu
sonho com você
Se você duvida,
eu vou sonhar
pra você ver

Minha sabiá
Vem me dizer,
por favor
O quanto que
eu devo amar
Pra nunca morrer de amor

Minha zabelê
Vem correndo me dizer
Por que eu sonho toda noite
E sonho só com você

Se você não me acredita
Vem pra cá,
vou lhe mostrar
Que riso largo
é o meu sonho
Quando eu sonho com você

Mas anda logo
Vem que a noite já não
tarda a chegar
Vem correndo
pro meu sonho escutar
Que eu sonho falando alto
Com você
no meu sonhar



PARAGEM

Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza · CE

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura foi fundado em 1999, objetivando o fomento e a difusão da arte e da cultura local e nacional. O complexo, com cerca de 30 mil metros quadrados, reúne os seguintes espaços: Memorial da Cultura Cearense, Museu de Arte Contemporânea, Teatro Dragão do Mar, salas de cinema do Cine Dragão do Mar, Anfiteatro Sérgio Mota, um auditório e o Planetário Rubens de Azevedo. A maior parte da programação é gratuita ou com preços simbólicos, visando à formação de plateia nas mais diversas linguagens artísticas. Funciona de terça a sexta-feira, das 8h30 às 21h30, aos sábados e domingos, das 14h30 às 21h30, e está localizado na Rua Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema, em Fortaleza · CE.

Telefone: (85) 3488-8600
Site: <http://www.dragaodomar.org.br>



PAISAGEM
GASTRONÔMICA

Paçoca rapidinha · BA

A-men-do-im. Até a palavra é gostosa, lembra merenda. Seja salgado, seja doce, o danado costuma estimular a compulsão. Quando se começa a comer, é difícil parar. Mas ele também compõe bem quando combinado a outros ingredientes, vide o pé de moleque e a paçoca. A Escola Municipal Marina de Carvalho, de Feira de Santana · BA, enviou uma receita desta última, que pode facilmente ser feita com a ajuda das crianças.

Ingredientes

1 lata de cajuzinho
1 pacote de bolacha
tipo maisena

Modo de preparo

Triturar a bolacha no liquidificador, juntar o cajuzinho e misturar com as mãos.
Esticar a massa sobre uma superfície lisa e deixar descansar por 15 minutos.
Cortar em quadrinhos e servir.



PAISAGEM
LÚDICA

Enquanto seu lobo não vem · PE

Entre os brinquedos socio-dramáticos da infância comumente experimentados no contexto da Educação Infantil, temos o *Enquanto seu lobo não vem*, que goza de muito prestígio junto às crianças, não só pelo que traz de possibilidades expressivas, mas também pela abertura para o riso. Essa é uma das brincadeiras preferidas das crianças do Paralapraca em Jaboatão dos Guararapes · PE, e as professoras enviaram uma descrição de como brincam para compartilhar com todos.

Preparação

De um lado, um grupo de crianças, de mãos dadas, forma um cordão. Do lado oposto, fica o brincante escolhido para desempenhar o papel do lobo, distante cerca de dez passos.

Texto fixo do diálogo, entoado com certa melodia

Crianças — Vamos passear na floresta, enquanto

seu lobo não vem! Tá pronto, seu lobo?

Lobo — Não, tô... (simula uma ação e a nomeia).

Como se brinca

As crianças, de mãos dadas, dão passos à frente e recuam enquanto entoam sua parte do diálogo: “Vamos passear na floresta, enquanto seu lobo não vem!”. Interrompem a marcha e perguntam em uníssono: “Tá pronto, seu lobo?”. Ao que o lobo responde: “Não!”. E, se espreguiçando, arremata: “Estou acordando”. A ação das crianças se repete igual, sendo que a cada vez que as crianças perguntam “Tá pronto, seu lobo?”, a resposta do lobo, além de nomear uma ação, deve ser acompanhada de gestos que simulam alguma coisa que ele faz antes de sair de casa, como tirar o pijama, tomar banho, pentear os cabelos, se vestir, calçar os sapatos, tomar café, escovar os dentes, etc. Quem faz o papel do lobo fica atento ao grupo das crianças, mas tenta parecer distraído e relaxado. Quando quem faz o papel do lobo finalmente estiver pronto e julgar oportuno, deve dar uma resposta afirmativa bem alta e tentar pegar uma das crianças, que nessa hora desfazem o cordão e saem em fuga, na maior carreira que puderem. A primeira criança a ser pega pelo lobo irá substituí-lo na próxima rodada da brincadeira.



PAISAGEM SONORA

Tangolomango • BA

A cultura popular é mesmo cheia de invenções e de reverses. Veja que o termo tangolomango tem entre os significados dicionarizados: malefício atribuído a feitiços ou feiticeiros; doenças de bruxaria; caiporismo, azar, infelicidade; doença que não cede aos cuidados terapêuticos; moléstia; urucubaca. Apesar destes sentidos todos, seu uso corrente entre os brincantes nordestinos é lúdico e prenhe do riso; na verdade, o tangolomango encontrado nas paisagens sonoras dos diferentes estados faz é elevar o rebaixado e funesto ao estado de graça.

Com longa tradição na cultura oral, o tangolomango é um tipo de cantiga popular na qual os versos rimados e ritmados costumam ser narrativos, versando sobre sucessivos infortúnios que se abatem sobre uma personagem típica e/ou sua família. Comumente, isso se dá de maneira a numerar as perdas em ordem decrescente e, se a cantiga estiver sendo entoada como texto de uma brincadeira, ao final de cada verso uma personagem/criança deixa o brinquedo ou morre, isto é, dá o tangolomango. Segue ao lado uma das versões entoadas pelos sertões baianos, mas que deve ter similar em terras vizinhas.

O Tangolomango

*Eram nove irmãs numa casa,
Uma foi fazer biscoito
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão oito.*

*Destas oito, meu bem, que ficaram
Uma foi amolar canivete
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão sete.*

*Destas sete, meu bem, que ficaram
Uma foi falar francês
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão seis.*

*Destas seis, meu bem, que ficaram
Uma foi pelar um pinto
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão cinco.*

*Destas cinco, meu bem, que ficaram
Uma foi para o teatro
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão quatro.*

*Destas quatro, meu bem, que ficaram
Uma casou com um português
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão três.*

*Destas três, meu bem, que ficaram
Uma foi passear nas ruas
Deu o tango-lo-mango nela,
Não ficaram senão duas.*

*Destas duas, meu bem, que ficaram
Uma não fez coisa alguma;
Deu o tango-lo-mango nela,
E ficou somente uma.*

*Essa uma, meu bem, que ficou
Meteu-se a comer feijão;
Deu o tango-lo-mango nela,
E acabou-se a geração.*





PAISAGEM NARRATIVA

O Reino das Verduras • PE

Extrapolando um pouco as fronteiras dessa paisagem (contos de tradição oral), recebemos o relato da professora Stella Tavares, coordenadora educacional de Educação Infantil de Jaboatão dos Guararapes • PE, no qual ela recupera da memória uma das muitas histórias inventadas por seu pai, Elígio Medeiros de Araújo. Em sua escrita, ela apresenta o pai como “pessoa sempre alegre e muito criativa, que em tudo via oportunidade de criar um trocadilho, uma história ou um trava-língua e até músicas. Foi sempre assim desde criança. Meu pai era sempre cheio de fantásticas fantasias, que alegrava a todos que estavam por perto, mas também um homem determinado e trabalhador e um pai muito carinhoso e presente”.

A versão da história “No Reino das Verduras”, que apresentamos abaixo, é derivada da que ela escutou de seu pai quando criança. Quem sabe a iniciativa da professora Stella não sirva de estímulo para outros ouvintes de histórias inventadas por seus pais e avós e até hoje não fixadas na escrita. E antes que alguém diga: “Ah! Mas eu não vou conseguir recontar igualzinho”, é bom lembrar que nem o próprio contador conta a mesma história duas vezes de maneira idêntica. Além do mais, quem conta um conto, aumenta um ponto, diminui dois, reescreve uns três, exagera uns quatro ou cinco e pensa seis vezes em como recontá-lo de maneira ainda melhor.

O Reino das Verduras

Era uma vez, no tempo em que as plantas falavam e os homens grunhiam, um reino vegetal chamado Reino das Verduras. Havia nesse reino a corte do Rei

Polho, que era um rei muito bom e muito justo para todas as verduras e estas muito o amavam e respeitavam. Existia na corte do Rei Polho, o Pai Mentão, seu primeiro-ministro, que era o responsável pela administração dos conflitos de interesse no reino. Mas como o regime vigente era o Saladeísmo, com todas as verduras podendo indicar seus representantes para o parlamento, viviam em relativa paz e alegria.

Porém, num dia mais nublado que de costume, Pai Mentão foi chamado às pressas, pois estava havendo uma grande desavença entre Pai Pino e Tio Mate. Pai Pino acusava Tio Mate de ser um espião que pertencia a outro reino, já que não era verde. Segundo Pai Pino, corria boatos de que Tio Mate há tempos frequentava o Reino das Frutas e, em troca de informações privilegiadas, levava a vida com dupla cidadania. Furioso, Tio Mate bradava o nome de seus ancestrais e lembrava de suas lutas ao lado dos verdes, sendo ele próprio um verde até a sua juventude.

Pai Mentão tentou contemporizar, argumentando que tinha primos vermelhos e amarelos e que o próprio Rei



Polho tinha um irmão roxo, que sempre fora fiel ao rei, mesmo quando em conflito com sua mãe adotiva, dona Bete Raba. Sem conseguir resolver o problema nem apartar a briga, Pai Mentão levou o caso para o Rei Polho, que mandou buscar Pai Pino e Tio Mate e ordenou que fossem presos no Forte Tempera Mento.

Após estes terem acalmado os ânimos, Rei Polho mandou Pai Mentão buscá-los e julgou a causa dos dois. Em sua sentença, disse ter pensado em deixar os dois de molho na cela das Cons Ervas ou mesmo na masmorra do Vin'agrete, mas decidiu dar como pena para Pai Pino o pagamento de Cem Bolas e para Tio Mate o pagamento de Cem Nouras. Além disso, os dois deveriam prestar serviços comunitários em hortas orgânicas durante três meses, cuidando da recuperação de leguminosas Agro Intoxicadas. Assim ficou tudo resolvido e voltou a paz No Reino Das Verduras. Se não para sempre, pelo menos por enquanto.



PAISAGEM ARTÍSTICA

Mestre Dezinho • PI

Conhecido como Mestre Dezinho, José Alves de Oliveira nasceu em 2 de março de 1916, em Valença do Piauí - PI. Filho de marceneiro, desde criança fazia miniaturas em madeira servindo-se de faquinhas e canivetes, conservados até o fim de seus dias, como suas ferramentas de trabalho. Esculpia pequenas peças figurativas de madeira, muitas vezes encomendadas por pessoas que desejavam pagar promessas pela cura de doenças.

Em busca de educação para os filhos, mudou-se com a esposa, Francisca de Oliveira, e os seis filhos para a capital do Estado, onde desempenhou diferentes atividades. Foi vigia de praça pública e carpinteiro na Igreja Nossa Senhora de Lourdes, conhecida como Igreja da Vermelha, que estava em construção. Em 1966, ao término das obras, o vigário Padre Francisco das Chagas Carvalho, admirado com os ex-votos produzidos por Dezinho, chamou-o para esculpir um Cristo de 2 metros de altura. Sua obra foi tão apreciada que lhe encomendaram todas as outras peças da igreja. Assim especializou-se como

santeiro, começando por esculpir imagens sacras para a Igreja da Vermelha, em substituição às imagens de gesso, sendo considerado atualmente como o precursor e expoente da arte santeira no Estado.

As principais características da obra do artista são serem talhadas em cedro, obedecendo muitas vezes ao tamanho natural. Na decoração das saias de santos e anjos as referências da cultura piauiense estão presentes, como folhagens, frutos e flores típicos da região.

Dentre as principais mostras, participou da *Bienal de Brastinava (Eslováquia)*, em 1972, da exposição *Sete Brasileiros e seu universo*, realizada em Brasília, em 1974, de duas Bienais de São Paulo, em 1974 e 1976, respectivamente. Além disso, as obras de Mestre Dezinho já foram expostas em diversos países, como Itália, França, Bélgica, Israel, México, Estados Unidos, República Tcheca e também na África.

Em Teresina há um bom acervo de suas obras na igreja do bairro Vermelha, localizada na Avenida Barão de Gurgueia, via principal do bairro. Em sua homenagem foi criado o Centro de Artesanato Mestre Dezinho, instalado no antigo quartel da Polícia Militar do Piauí, localizado na região central de Teresina. Também por isso, Mestre Dezinho é um dos artistas plásticos e mestres santeiros mais conhecidos do Piauí. E a Igreja da Vermelha, como é conhecida em Teresina, acabou se tornando um registro histórico de seu nascimento artístico.





PAISAGEM
ARTÍSTICA

J. Borges • PE

Nos idos de 1935, no sítio Piroca, município de Bezerros • PE, nasceu José Francisco Borges, mais conhecido como J. Borges. Como muitas crianças nordestinas de seu tempo, trabalhou na roça desde muito cedo e, antes de se tornar poeta e ilustrador de reconhecido talento, conheceu outros ofícios em que a atenção às formas e ao fazer com as mãos é imperativo, tendo sido marceneiro, carpinteiro, pedreiro, oleiro, fabricante de brinquedos.

A educação formal ficou para trás aos 12 anos de idade, mas da poesia popular fez sua escola e nela graduou-se doutor. Ainda na juventude, comprou exemplares de folhetos de cordel para vender na feira e aos poucos foi se familiarizando com os muitos modos desse fazer poético: sextilhas, setilhas, décimas, decassílabos e dezenas de outras medidas de verso e estrofe. A seguir, investiu na compra de um alto-falante para amplificar seus negócios como folheteiro, mas só aos 30 anos publicou o primeiro folheto de sua autoria, *O Encontro*

de *Dois Vaqueiros no Sertão de Petrolina*, que trazia na capa uma xilogravura do consagrado xilógrafo pernambucano Dila (José Cavalcanti e Ferreira) e que vendeu mais de cinco mil exemplares em dois meses, feito excepcional para um poeta iniciante.

De sua primeira experiência como autor para cá, muitas outras se sucederam e hoje já totalizam mais de duzentos títulos, muitos dos quais apresentados ao público nos modos próprios de entoar dos cantadores de feira. Em meio aos sons, cheiros e sabores do mercado popular, J. Borges divulgava seus dizeres ritmados e rimados, fazendo com que a vida ordinária do trabalhador pudesse ter notícias do extraordinário e vigoroso



imaginário da cultura nordestina.

Mas foi a autoria que ainda não estava presente naquela primeira experiência a que veio tornar J. Borges conhecido do grande público: como ilustrador. Das xilogravuras de capa de seus próprios folhetos, foi sendo convidado para fazer as capas de outros poetas e, ainda nos anos 60 do século passado, percebendo a acolhida das xilogravuras pelo mercado de arte, passou a produzir obras independentes dos folhetos, em tamanhos maiores, numerando e assinando as cópias.

Assim que seu trabalho como xilogravurista foi sendo mais aceito pelo público especializado, cuidou de aperfeiçoar e diversificar o uso da técnica, inclusive expandindo as possibilidades expressivas dessa linguagem plástica, ao utilizar a cor e ao estender sua aplicação a novos suportes, como capas de discos, ilustração de livros, cartões-postais, camisetas e anúncios publicitários.

Seu prestígio como artista popular aumentou ainda mais quando, ainda nos anos 1970, suas obras caíram no gosto do escritor paraibano Ariano Suassuna, que, de tão admirado com a qualidade do trabalho, se tornou uma espécie de seu padrinho artístico, declarando ser J. Borges o melhor gravador popular do país, ou em suas próprias palavras: “A gravura é um reino e, desse reino, o príncipe é J. Borges”.



Com o aval de Suassuna, sua produção como ilustrador passou a circular nos meios acadêmicos e artísticos, antes avessos à xilogravura. Entre as produções que referendam sua distinção estão: a capa do livro *As Palavras Andantes*, do escritor uruguaio Eduardo Galeano; as gravuras que fez para a abertura da telenovela *Roque Santeiro*, da Rede Globo; as ilustrações que fez para o livro *Ciranda Brasileira*, do poeta Elias José; e os dois volumes dos *Contos maravilhosos infantis e domésticos*, edição especial da Cosac Naify para celebrar os 200 anos da primeira publicação das famosas histórias reunidas pelos Irmãos Grimm.

A partir de 1980, a repercussão de seu trabalho começou a lhe render convites para participar de exposições no Brasil e no exterior, chegando, por exemplo, ao Grand Palais, em Paris, na França, no contexto da mostra *Brésil, Arts Populaires*; à Galeria Stähli, em Zurique, na Suíça; ao Museu

Internacional de Arte Popular do Instituto Smithsonian e ao Museu de Arte Popular de Santa Fé, no Novo México, ambos nos Estados Unidos.

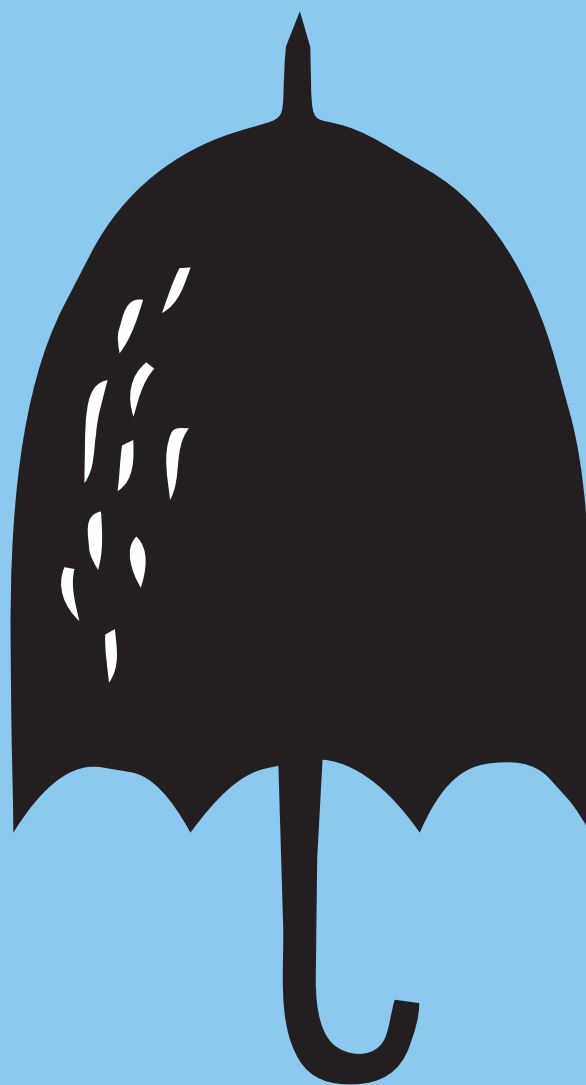
Como marco do reconhecimento de seu trabalho, foi condecorado com a comenda da Ordem do Mérito, prêmio Unesco na categoria Ação Educativa/Cultural, sendo em 2002 um dos 13 artistas escolhidos para ilustrar o calendário anual das Nações Unidas, com sua xilogravura *A Vida na Floresta* abrindo o ano no calendário.

Pelo que representa para a paisagem cultural da região Nordeste, por seu gosto pelos seres encantados, como dragões, monstros e personagens que se metamorfoseiam, bem como pelos tipos humanos, bichos, flores e frutos nordestinos que habitam

suas obras, também este *Estação Paralapracá* faz reverência ao mestre, incluindo-o nesta seção *Paisagem Artística* e contando com suas ilustrações na seção *Paisagens Narrativas*.

É importante dizer que o artista J. Borges, se aproximando dos 80 anos, está em pleno vigor criativo e, para desenvolver seu ativismo cultural e valorizar a cultura popular da região, construiu em Bezerros · PE a Casa de Cultura Serra Negra, onde fica também seu ateliê de trabalho. É lá que põe o “pingo”, não no “i”, mas depois do “j”, e, com seu irmão Amaro Francisco e seu primo Joel Borges, também xilógrafos, atende às mais diversas demandas e encomendas de beleza e poesia que lhe chegam de diferentes partes do mundo. Quiçá, por estar aqui, seu vasto mundo chegará mais e mais às crianças.





Inverno

Pertencente ao período frio do ano,
do latim *hiems*, mau tempo, chamava-se
inicialmente *Tempus Hibernus*,
época mais fria do ano, marcada
pela ausência de fertilidade



Pela incidência tangencial dos raios solares no hemisfério Sul, o inverno costuma ser marcado por baixas temperaturas, muitas chuvas e até neve nos trópicos. Mas como estamos mais próximos da linha do Equador, esta é uma estação bastante controversa no Nordeste brasileiro, pois boa parte da região desconhece o que seja frio, com uma ou outra exceção, como Campina Grande-PB, por exemplo. Para que se tenha uma ideia da diversidade climática vivida na região, enquanto no litoral há temperaturas amenas e mais chuvas nesse período, no sertão, enquanto estação, o inverno chega mesmo a significar tempo de seca.



PAISAGEM LÚDICA

Cavalo de carnaúba (9) • PI

A pesar da hegemonia dos brinquedos industrializados, o universo dos brinquedos populares continua rico e diverso no mundo. A tradição do fabrico de brinquedos pela própria criança, ou por adultos próximos, sobrevive em diferentes contextos comunitários. Pensando os brinquedos em sua dimensão educativa, é certo que a escola não pode ignorar suas consequências para o desenvolvimento físico, afetivo, psicológico, cognitivo, social e cultural da criança, menos ainda quando ele é feito por ela mesma.

Segue aqui a descrição da confecção de um brinquedo popular lá do Piauí e que muito se afina com o que nos diz João Amado⁹:

*“Uma introdução ao mundo,
sem ter sido nunca uma lição...
mas uma descoberta!”*

Material

- 1 palha de carnaúba seca
- 1 pedaço de barbante
- 1 faca afiada

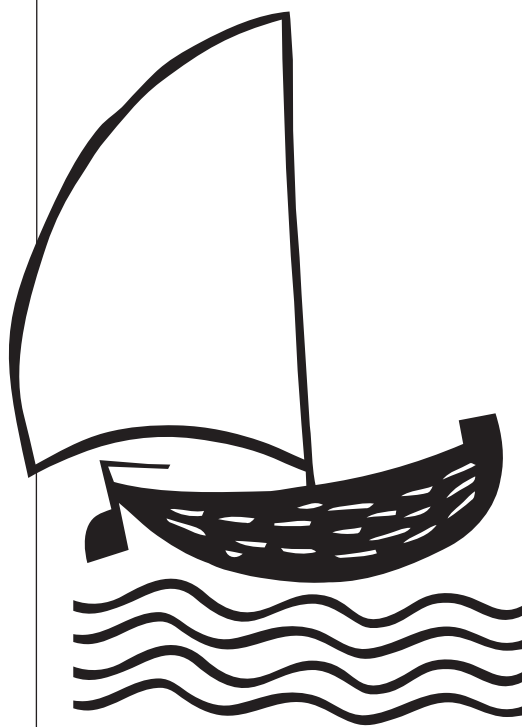
Como fazer

Pegue uma palha de carnaúba seca, peça a um adulto que, com uma faca, retire os espinhos, faça as orelhas e os olhos do cavalo. Em seguida, é hora de fazer o “cabresto”, ou seja, amarrar um pedaço de barbante na altura do pescoço do cavalo.

Como brincar

Depois de pronto, é só convidar os amigos para uma corrida de cavalos, ou sair brincando de vaqueiro (correndo atrás dos animais).

Recolhido por Edilane
Bezerra Cardoso, do CMEI
Maria Aldinéia, Teresina • PI



PAISAGEM SONORA

Saltar de fogueira • PE

Em outras paragens, a constituição dos vínculos de parentesco por compadrio se dá no rito de batismo dos filhos; com a escolha dos padrinhos, estes passam a ser “dindos” das crianças e compadres dos pais delas.

Mas no Nordeste brasileiro, dentro das festas joaninas, a prática do saltar fogueiras na noite de 23 de junho pode selar relações similares, são os chamados *compadres* ou *padrinhos de fogueira*. Estabelecendo vínculos por vezes duradouros entre “cumpadres” e “cumadres”, essa prática acontece em diversos Estados da região.

Para tanto, lá em Jaboatão dos Guararapes • PE, por exemplo, basta que o par de pretendentes a tais vínculos de parentesco coloque-se frente a uma fogueira na referida data e salte cruzando quatro vezes os tições em brasa, tocando as mãos quando eles se cruzam, e dizendo os seguintes versos:

*Santo Antonio disse
São Pedro confirmou
Vamos ser cumpadres
Que São João mandou*



PAISAGEM
ARTÍSTICA

Pedro Boca
Rica · CE

Entre os mais importantes mestres bonequeiros nordestinos, destaca-se o cearense Pedro Boca Rica, particularmente pelas constantes inovações introduzidas por ele e pela excelência no acabamento das peças. Seu curioso apelido se deve à quantidade de ouro em seus dentes e, conforme Lélia Coelho Frota, a qualidade de seu trabalho tem a ver com seu percurso formativo como artista.

Tendo se iniciado como santeiro, tornou-se primoroso nesse ofício ao utilizar exclusivamente boa madeira, só bem posteriormente é que se dedicou à criação de bonecos para espetáculos. De suas muitas produções, de beleza reconhecida pela crítica especializada, a série de bonecos com cabeças esculpidas e pintadas está entre as mais representativas por conta do padrão de qualidade, só comparável aos *puppazzi* (fantoques italianos).

Para que se tenha a dimensão de sua grandeza e do quão paradoxal pode ser o reconhecimento de um artista em nosso país, a maior coleção de sua obra está em São Paulo, no Memorial da América Latina. Como se diz que, além de artesão, cantava aboios lindamente, talvez se possa ouvir nas brenhas do sertão cearense uma voz entoar ao longe a canção do *maluco beleza* Raul Seixas:

“... Mas tudo acaba onde começou”



PARAGEM

Museu Fonográfico
Luiz Gonzaga,
Campina Grande · PB

O Museu Fonográfico Luiz Gonzaga foi fundado em 1995, em Campina Grande · PB, por Zénobre (José Nobre de Medeiros, colecionador, escritor e professor da UFCG). O local é uma das principais entidades brasileiras de preservação, fomento e difusão da vida e obra do Rei do Baião, ao lado do Museu Asa Branca, em Exu · PE, do Memorial Luiz Gonzaga, do Recife · PE, do site www.luizluagonzaga.com.br, entre outras iniciativas públicas e particulares. Seu acervo, de cerca de cinco mil discos, está dividido entre discografia, coletâneas, homenagens, participações e intérpretes que gravaram as músicas de Luiz Gonzaga. Lá podemos encontrar livros, jornais, documentos raros de áudio, vídeos, retratos, cartazes, entre outros elementos a respeito do artista, como indumentárias artísticas e instrumentos musicais. O museu ainda guarda preciosas coleções de outros músicos brasileiros, com destaque para os nordestinos, como Jackson do Pandeiro, Dominginhos, Trio Nordestino e Marinês.

O principal evento realizado pelo Museu Luiz Gonzaga é a festa anual de aniversário de nascimento do Rei do Baião, em 13 de dezembro, Dia Nacional do Forró. E para tornar ainda mais legítima a homenagem ao velho Lua, o evento paraibano é realizado no pátio do museu, com grande público de toda a região de Campina Grande · PB e também de outros Estados brasileiros.

Obs.: O museu funciona de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h, e fica na Rua Costa e Silva, s/n, Cruzeiro, Campina Grande · PB. Telefones: (83) 9804-4055 e (83) 9101-6735.







PAISAGEM NARRATIVA

O moinho de sal • PE

Era uma vez dois irmãos: um irmão pobre e um irmão rico. O irmão rico, muito vaidoso, morava numa mansão imponente com sua família. Já o irmão pobre, morava numa casa pequena, muito simples e quase sem móveis. Em um único cômodo havia apenas sua cama de casal, a dos dois filhos, uma mesa com dois tamboretas e um fogão a lenha que, quando aceso, deixava as paredes da casa escuras por conta da fuligem contida na fumaça.

Em uma noite de Natal, o irmão pobre e sua família não tinham nada para comer, e ele orava a Deus que o tirasse daquela angústia. Ele então tomou a iniciativa de ir até a casa do irmão rico pedir algo para comer com a família.

O irmão rico, com a mesa farta, respondeu:

— Lhe darei algo para comer desta vez, mas não é pra acostumar, seu malandro, você precisa se virar!

O irmão pobre levou aquela pouca comida e pediu para que a mulher dividisse igualmente para todos naquela noite de Natal. Nesta mesma hora, alguém bateu na porta da casa do irmão pobre, dizendo:

— Ô de casa?

O irmão pobre foi ao encontro daquela voz, abriu a porta e encontrou um velhinho carregando um moinho na cabeça. O irmão

pobre perguntou-lhe:

— Por favor, o que o senhor deseja?

— Procuo por um pouco de comida nesta noite

— respondeu o velho.

O irmão pobre pediu ao velhinho que entrasse na sua casa e sentasse à mesa. Depois repartiu a comida que recebera do irmão rico com o velhinho, sua mulher e seus dois filhos. E naquela noite todos ficaram saciados e agradecidos com o pouco que receberam.

Percebendo a atitude generosa daquele homem, agradecido, o velhinho deu em troca o moinho que carregava. Explicou que o moinho era mágico e que estava transferindo para o homem o comando do moinho para que este atendesse a todos os seus pedidos. Disse ainda que o fato de o irmão pobre ser humilde e de ter o coração cheio de amor tinha dado a ele o jeito natural de fazer o moinho funcionar: dizendo “por favor”, antes de fazer o pedido. E também de fazê-lo parar: agradecendo depois de ter o pedido atendido. Por fim, o velhinho disse:

— O moinho é seu, faça dele bom uso.

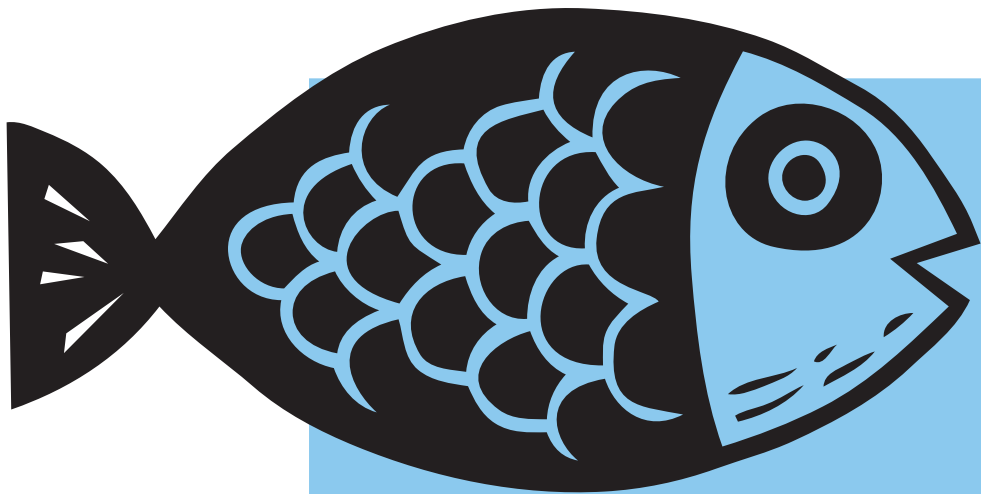
A seguir, despediu-se do irmão e de sua família e partiu para terras distantes.

O irmão pobre, admirado com o moinho, pediu a este que, por favor, lhe concedesse a graça de uma mesa farta, ao que foi prontamente atendido com manjares, bolos, peru, frutas, bebidas... Quando a mesa estava suficientemente farta, o irmão pobre pediu ao moinho para parar, agradecendo-lhe a oferta.

O irmão pobre ficou admirado e alegre com a aquisição. Também surpresa com os poderes do moinho, mas querendo algo mais duradouro, sua mulher sugeriu:

— Marido, vamos pedir ao moinho para melhorar nossa casa, colocar móveis novos, alimentação, e tudo de que precisamos para vivermos com dignidade?





O irmão pobre, sensível aos desejos de sua esposa, pediu ao moinho que este, “por favor”, transformasse aquela casa numa mansão linda, com jardins, muitos cômodos, com móveis novos e dinheiro o bastante para que jamais voltassem a ser pobres. Tendo seus pedidos atendidos, o irmão pobre agradeceu ao moinho, que logo parou, e foram dormir tranquilos, saciados e ricos.

Ao amanhecer, o irmão rico que andava pelos arredores do logradouro onde moravam, não achou a casa do seu irmão pobre, porque no lugar da casa estava uma linda mansão. Admirado e curioso, bateu-lhe à porta. E o irmão pobre, muito bem vestido, quase irreconhecível, veio atendê-lo.

O irmão rico perguntou-lhe admirado:

— É você mesmo? Aquele irmão pobre que ontem me pediu comida?

O irmão pobre respondeu-lhe:

— Sou eu mesmo!

O irmão rico fez uma pausa e depois insistiu perguntando:

— O que aconteceu?

O irmão pobre contou-lhe toda a história. O irmão rico quis com muita pressa comprar-lhe o moinho, não deixando o irmão pobre terminar de explicar como funcionava o moinho,

principalmente de como fazer o moinho parar, que era agradecendo-lhe, conforme o velhinho lhe explicara.

O irmão rico, com sua soberba, quis ganhar o mundo só para ele. Foi logo fazer uma viagem de navio levando o moinho. Quando o navio estava em alto-mar, depois de alguns dias de viagem, faltou sal na cozinha do navio. O comandante avisou aos passageiros:

— O sal acabou.

Todo importante com poderes na mão, o irmão rico disse ao comandante do navio que tinha como resolver o problema e que logo, logo, o navio estaria abastecido de sal. Então fez o pedido ao moinho:

— Por favor, moinho, eu quero que você produza sal, muito sal, sal sem parar.

Depois de algum tempo com o moinho produzindo sal sem parar, o irmão ficou incomodado com o excesso de sal produzido e mandou o moinho cessar a produção, mas não foi atendido. Como o sal começou a tomar o navio, o irmão rico desesperado se pôs a gritar:

— Pare moinho irresponsável!

E o moinho lá, produzindo sal, muito sal, sal sem parar. E tanto produziu que, com o peso do sal, o navio afundou.

Por isso, quando você for à praia, experimente a água do mar, sinta como ela está salgada e lembre-se desta história: — O moinho está lá no fundo do mar produzindo sal, muito sal, sal sem parar!

Transmitida por Antônio contador de histórias.

Recolhida por Zuleica Leitão, coordenadora da Educação Infantil do município de Jaboatão dos Guararapes • PE.





PARAGEM

Museu Casa do Sertão · Feira de Santana · BA

O Museu Casa do Sertão foi criado em 1978 por um clube privado (o Lions Clube de Feira de Santana) e, posteriormente, foi doado à Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Objetivando preservar a história e tradições da cultura sertaneja da região, o museu possui um rico acervo fonográfico e bibliográfico acerca da cultura popular, além de cerca de 500 peças referentes à ocupação dos sertões pelo gado e artesanato popular da região.

O prédio reúne os seguintes espaços: Sala do Artesanato (Acervo Iconográfico), Sala Eurico Alves Boaventura (Acervo do Couro), Sala Dival da Silva Pitombo (Exposições Temporárias), Centro de Estudos Feirenses, Núcleo de Literatura de Cordel, Biblioteca Setorial e Pavilhão Anexo (peças de grande porte).

Endereço: Avenida Transnordestina, BR-116, Campus Universitário, km 3, Feira de Santana · BA. Funciona de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h. Telefone: (75) 3161-8099. Site: <http://www.uefs.br/sertao/>



PAISAGEM GASTRONÔMICA

Cuscuz de milho · CE

É o milho! Sim, depois da mandioca, ele é o mais mítico dos alimentos nativos. Várias nações indígenas possuem lendas que narram a origem desta planta que se presta a tantos usos na culinária tradicional. Quando verde, costuma ser ralado e vira sopa, creme, mingau, canjica, pamonha e curau ou, com os grãos pilados, o festejado mugunzá. Um pouco mais maduro, pode virar cuscuz e acaçá. Se seco, prepara-se o fubá, base para pães, biscoitos, broas, bolos e o popular angu, também chamado de polenta.

Com tamanha versatilidade, pode-se imaginar a importância que tem para a culinária nordestina, não sendo exagerado dizer que sem



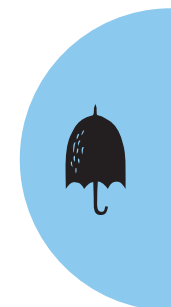
ele não haveria as festas juninas. E ele também é personagem de destaque na merenda escolar, havendo inclusive iguarias que podem contar com a participação das crianças, como é o caso do cuscuz de milho dos Núcleos de Educação Infantil de Caucaia · CE, que tem sua receita publicada abaixo.

Ingredientes

1 xícara de chá de coco fresco ralado grosso
2 e 1/3 de xícaras de chá de flocos de milho pré-cozido
1 boa pitada de sal (a gosto)
1 xícara de água
2 xícaras de chá de leite de coco

Modo de preparo

Numa tigela, coloque o coco ralado, os flocos de milho e a pitada de sal. Misture bem. Adicionando aos poucos a xícara de água, deixe descansar uns dez minutos. Leve a(o) cuscuzeira(o) ao fogo alto, com água na parte inferior, para ferver. Coloque a mistura de coco e flocos de milho no centro da(o) cuscuzeira(o) até preenchê-la(o) completamente, sem apertar. Tampe a(o) cuscuzeira(o), leve ao fogo alto e cozinhe por 10 a 15 minutos, até encorpar (verifique enfiando o garfo até ele sair limpo). Tire do fogo, coloque num prato de servir e regue com o leite de coco e uma colher de sobremesa de manteiga, deixando-o abafado por alguns segundos. Leve à mesa e sirva ainda morno.





FIGURINHA CARIMBADA

Luiz Gonzaga: Lua é astro rei! • PE

Em 13 de dezembro de 1912 (dia de Santa Luzia) no município de Exu, Estado de Pernambuco, mais precisamente na Fazenda Caiçara, nasceu Luiz Gonzaga do Nascimento, o mais representativo artista nordestino do século XX, já que poucos souberam como ele conjugar tradição e inovação. Foi introduzido na música por seu pai, o sanfoneiro Januário, e com ele aprendeu a animar as salas de reboco nas cercanias da serra do Araripe.

Por uma desavença com o pai de uma enamorada, brigou com seus pais e teve que fugir de casa, indo parar em Fortaleza · CE, onde se tornou o corneteiro “bico de aço” do 23º Batalhão de Caçadores do Exército. De lá, foi transferido para o Exército em Minas Gerais, onde estudou teoria musical, podendo ampliar seu repertório musical e acolher outros gêneros.

Em 1939, muda-se para o Rio de Janeiro, passando a tocar em bares e festas no subúrbio. Como músico da noite, devorou um amplo cardápio de ritmos nacionais e estrangeiros como o samba, a polca, o tango e a valsa, mas foi, provocado por um grupo de estudantes cearenses, tocando coisas do seu “pé de serra”, unindo versatilidade e autenticidade, que acabou criando um dos ritmos mais contagiantes da música brasileira: o baião. Com o temperadíssimo molho da sanfona, acompanhada pela zabumba e pelo triângulo, fez o Brasil inteiro balançar e cantar o sertão e o ser sertanejo.

Nos anos 50 do século passado, com sucessos como *Baião*, *Asa Branca*, *Respeita Januário*, *Qui nem Jiló*, e incorporando elementos da vestimenta do vaqueiro nordestino, esteve entre os maiores vendedores de discos e foi dos mais prestigiados artistas da música popular. Mas, com a chegada da Bossa Nova nos anos 1960, amargou um período no ostracismo e seu reconhecimento

como grande nome da MPB só veio a acontecer pelas referências ao seu nome feitas por jovens afinados com os movimentos da contracultura nos anos 1970, particularmente dos artistas ligados ao Tropicalismo.

Com a regravação de seus sucessos por grandes nomes da música popular brasileira (Alceu Valença, Elba Ramalho, Fagner, Gal Costa, Gilberto Gil, Maria Bethânia, Caetano Veloso e de seu filho Gonzaguinha, entre outros), ele pôde retomar sua própria carreira, voltar às paradas de sucesso e ainda influenciar grande número de artistas que veem nele o maior artista nordestino de todos os tempos. Aliás, quem quiser saber da cultura popular do Nordeste pode começar por Luiz Gonzaga e aprenderá muito do que há para saber. No céu da arte nordestina, “Lua” é astro rei!

“Fui um moleque feliz. No sertão, todo moleque que não vive no domínio de senhores perversos é feliz. Tem suas compensações a pobreza. A liberdade ampla, a natureza imensa a sugerir uma grandeza que está longe a atingir. Liberdade para os banhos de rio, pras caçadas no mato, pra soltar-se nas festas. Já os chamados meninos ricos são uns recalcados, presos a pequenos nada, contra os quais não ousam rebelar-se.”

Luiz Gonzaga
(depoimento em 1966)

ABC do Sertão

Zé Dantas/Luiz Gonzaga

*Lá no meu sertão pros caboclo lê
Têm que aprender outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê
Até o ypsilon lá é pyssilone
O eme é mê, o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto “ê”
A, bê, cê, dê,
Fê, guê, lê, mê,
Nê, pê, quê, rê,
Tê, vê e zê.*

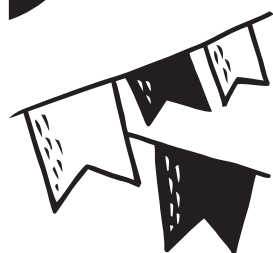
Repare

Não deixe de ouvir e de cantar para com as crianças (inclusive tendo as letras à mão) alguns clássicos do cancionero gonzaguiano: *A morte do vaqueiro* (Nelson Barbalho/Luiz Gonzaga), *A vida do viajante* (Luiz Gonzaga/Hervê Cordovil), *A volta da asa-branca* (Zé Dantas/Luiz Gonzaga), *ABC do sertão* (Zé Dantas/Luiz Gonzaga), *Asa-branca* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Assum-preto* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Baião* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Estrada de Canindé* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Numa sala de reboco* (José Marcolino/Luiz

Gonzaga), *Olha pro céu* (José Fernandes/Luiz Gonzaga), *Qui nem jiló* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Respeita Januário* (Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira), *Riacho do navio* (Zé Dantas/Luiz Gonzaga), *Sabiá* (Zé Dantas/Luiz Gonzaga), *O xote das meninas* (Zé Dantas/Luiz Gonzaga), *Vozes da seca* (Zé Dantas/Luiz Gonzaga), *Xote ecológico* (Aguinaldo Batista/Luiz Gonzaga)

Obs.: Ouça também a canção/contação *Samarica parteira*, composição do parceiro Zé Dantas. Repare que a história apresentada recupera uma figura importante nas comunidades nordestinas: a parteira. Além disso, a interpretação de Luiz Gonzaga é espetacular.





PAISAGEM FESTIVA

Festas juninas • PB

Todos sabem que entre os festejos que mais alegram os nordestinos estão as festas juninas ou, como se diz em algumas cidades, joaninas. Durante todo o mês de junho se sucedem homenagens para diferentes santos católicos, a saber: Santo Antônio, São João e São Pedro. Como os mitos e ritos dessas festas são vivos na cultura popular, é de esperar que elas afetem positivamente os espaços educativos.

Na cidade de Campina Grande • PB, por exemplo, que tem uma

das maiores festas juninas do Brasil, o clima junino toma conta de toda a cidade, inclusive da Creche Isabele Barbosa da Silva, que tem buscado vivenciar a cultura popular do Nordeste e proporcionar às crianças diversas atividades com músicas juninas, “forró pé de serra”, quadrilhas e outras danças.

Conforme sua equipe de educadores, nessa época do ano, a creche é totalmente decorada com bandeirolas, estopa, bucha vegetal, sisal, barro, couro ou tecido. Considerando algumas práticas culturais que utilizam o fogo como elemento estrutural e simbólico das festas, paralelamente é feito um trabalho de prevenção contra queimaduras e preservação do meio ambiente, com destaque para o cuidado com as fogueiras.

Mas, para saber um pouco mais sobre os festejos juninos e mesmo

para refletir sobre a importância cultural da ação desenvolvida na creche de Campina Grande, participante do Paralapraca, vejamos o texto a seguir e o que nos diz a socióloga e servidora da Fundação Joaquim Nabuco, Rúbia Lóssio, sobre o ciclo junino. Ainda que uma parte de suas considerações destaque o contexto pernambucano, talvez sua crítica contribua para fazer pensar sobre o sentido da festa em outras paragens e na experiência das crianças.

Ciclo junino

O ciclo junino chega com a participação do povo. Ricos e pobres festejam o ciclo junino, que envolve danças, comidas típicas, superstições, adivinhações, crendices, fé e muita animação.

Para o ciclo junino são consagrados três santos do mundo católico

durante o mês de junho. São eles: Santo Antônio, São João e São Pedro, que alegram as festas juninas:

[...] algumas mulheres chegam até mesmo a tirar o menino Jesus dos braços de Santo Antônio para restituí-lo somente depois de realizado o milagre; viram o Santo de cabeça para baixo, tiram-lhe o resplendor e colocam sobre a tonsura uma moeda pregada com cera; e, por fim, quando tarda o milagre [de fazer aparecer o marido] e cansadas já de tanto esperar, atam o Santo com uma corda e deitam-no dentro de um poço, o que deu lugar, uma vez, a desaparecer a imagem, porque era de barro e derreteu-se completamente ao contato d'água.

Também temos vários folhetos que retratam histórias com Santo Antônio. É o caso do folheto *A moça que pisou Santo Antônio no pilão para casar com o boiadeiro*, de José Costa Leite, que conta os sofrimentos do Santo nas mãos das vitalinas. Também, muitas adivinhações são feitas na véspera do dia 13 de junho, data comemorativa de Santo Antônio. No dia 12 junho, Dia dos Namorados, as moças utilizam as mais variadas adivinhações do nosso folclore para conseguir um marido.

São João e São Pedro também são venerados no ciclo junino. São João é o primo de Jesus Cristo, nascido no dia 24 de junho, pregador da alta moral, áspero, intolerante e ascético. Segundo Câmara Cascudo:

[...] o São João é festejado com alegrias transbordantes de um

deus amável e dionisíaco com farta alimentação, músicas, danças, bebidas e uma marcada tendência sexual nas comemorações populares, adivinhações para casamento, banhos coletivos pela madrugada, prognósticos do futuro, anúncio de morte do curso do ano próximo... Segundo a tradição, o Santo adormece durante o dia que lhe é dedicado tão ruidosamente pelo povo, através dos séculos e países. Se ele estiver acordado, vendo o clarão das fogueiras acesas em sua honra, não resistirá ao desejo de descer do céu para acompanhar a oblação e o mundo acabará pegando fogo.

Assim temos o hábito de acender fogueiras durante o ciclo junino, hábito vindo da Europa, quando as populações do campo festejavam a proximidade das colheitas e faziam sacrifícios para afastar os demônios da esterilidade, pestes de cereais, estiagens. Nos cultos agrícolas também se acendiam fogueiras, que foram divulgados pelo domínio do folclore e da etnografia europeia.

Essa devoção ao culto de São João vinda de Portugal se espalhou pelo Brasil inteiro. Muitas adivinhações também são feitas na véspera de São João.

São Pedro também tem o seu espaço no ciclo junino. Discípulo, Santo chaveiro, primeiro papa, é festejado no dia 29 de junho juntamente com São Paulo. Padroeiro dos pescadores, o Santo é festejado com uma procissão marítima.

E nesses festejos, ao som dos fogos e da fumaça das fogueiras, não podem faltar as comidas típicas que tornam as festas mais saborosas. Milho cozido, milho assado, canjica, pamonha, bolo de milho. Ah! Que cheiro bom. Quem nunca mexeu uma canjica com colher de pau não sabe o verdadeiro gosto que tem a festa de São João. E o pé de moleque, a cocada, a pipoca, o beiju, o bem-casado, o bolo de macaxeira e o manuê de milho fazem o sabor natural das festas juninas.

Nos arraiais acontecem as quadrilhas, de origem europeia, dançadas nos salões dos palácios por volta do século XVIII; nos bailes da corte a quadrilha acompanha a zabumba, o triângulo e o sanfoneiro, que dá o ar de sua graça no *xén én én* do forró. Eita!! Que tá bom demais! Há também, no início da quadrilha, o casamento matuto, que consiste numa representação jocosa em que as pessoas utilizam um linguajar característico do povo da roça e com um ar de malícia fazem o público se divertir com o espetáculo teatral.

É presente também a língua francesa na marcação dos passos da quadrilha. O xote, o baião, o xaxado, o coco e a polca fazem os ritmos dos festejos juninos. Contamos também com a presença dos bacamarteiros nos festejos juninos, que segundo Olímpio Bonald Neto:

[...] seria a representação simbólica do cangaceiro, a figuração sublimada do guerrilheiro das caatingas, com todo seu conteúdo místico e aventureiro, que se expande a se reafirmar



pacificamente, gastando as tendências agressivas de modo inofensivo, aplicando de forma artística os excessos aguerridos na figura folclórica do atirador espetaculoso”.

Os bacamarteiros enfeitam as festas juninas exibindo os seus bacamartes, que contêm cargas com pólvora seca, emitindo um estrondo em homenagem aos santos padroeiros ou cerimônias cívicas e políticas.

Existe também o “acorda povo”, que é uma procissão realizada na noite de São João, para acordar São João. Por isso, quando alguém dorme muito, o dito popular acusa: “dormiu igual a São João”.

Porém as quadrilhas vêm se transformando. Clóvis Cavalcanti, em seu artigo “São João ‘estilizado””, revela sua preocupação:

“[...] vê-se nessa transformação, por um lado, uma perda lamentável de identidade, um abandono de nossas ricas raízes folclóricas e, por outro, uma massificação sem sentido que nivela e igualiza modos de comemorar o São João que tinham sabor específico em cada forma local dos festejos. No meu entender, por trás de tudo isso residiria um empobrecimento cultural assustador de nossa sociedade”.

Desse modo, até a capital do forró, que é Caruaru, está sendo chamada de “Disneylândia do forró”. A nossa festa tradicional virou uma festa massiva, um comércio de artigos da nossa região. Tem até kits para participar das quadrilhas, que estão sendo chamadas de “drilhas”,

como *machadrilhas, gaydrilhas, babydrilhas*, entre outras. Utilizam uma indumentária com brilhos de muitos enfeites e babados que não se adaptam ao nosso clima. Néstor Garcia Canclini diz que “o kitsch é a resposta de como ser elegante na época de cultura de massas”.

Recentemente, as associações dos compositores, cantadores e músicos de Caruaru protestaram, porque não estão tendo espaço para tocar na festa de São João, onde os forrós eletrônicos vêm ganhando cada vez mais espaço. Nossas raízes folclóricas estão se moldando na cultura de massas. Antes, a diferença era que trazia e fazia o brilho das quadrilhas com a criatividade e originalidade dos integrantes que participavam da mesma. Hoje, o ciclo junino, mesmo perdendo esse “sabor específico” e ganhando o “cheiro da tecnologia”, não deixará de ser evidenciado, mas não podemos descaracterizar o que é nosso.

É uma pena que estejam transformando a simplicidade dos festejos juninos em um grande festival. Sou a favor do forró pé de serra no chão batido, da fogueira no quintal, do cheiro da canjica ainda no fogo, da fumaça que chega a arder nos olhos, do chapéu de palha, da saia de chita, das músicas de Luiz Gonzaga ao som da sanfona, da zabumba e do triângulo, das bandeirinhas que enfeitam os arraiais, do chinelo de couro e da chuva que ajuda a encher os salões para todo mundo dançar o forró. Esta lembrança do interior, que vem com o ciclo junino, desperta um senti-

mento de “originalidade” nos nordestinos. Este sentimento só é permitido porque é tempo de São João!

Fonte: LÓSSIO, Rúbia. *Ciclo Junino*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 04 nov. 2012.

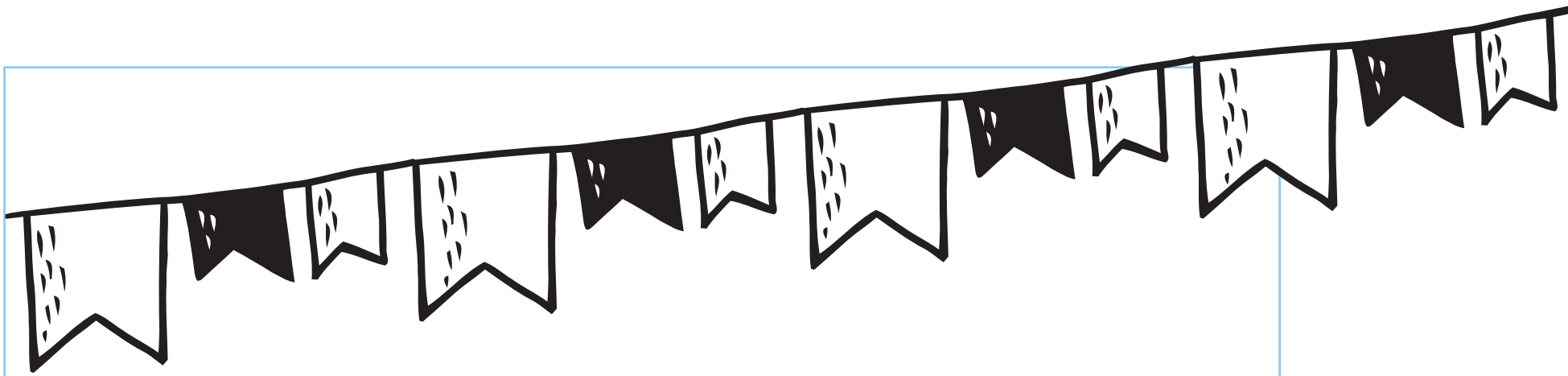
Adivinhações juninas

Os festejos juninos são tempos de brincadeira, de alegria, de fé sertaneja e, conforme Veríssimo de Melo: “No Nordeste, não há festa de São João sem milho verde, fogueiras, adivinhações, sortes de casamento, inúmeras outras brincadeiras e práticas ingênuas, que fazem o encanto de moças e rapazes. Em torno da fogueira ou dos terraços iluminados pelas lanternas de papel de seda, todos os anos moças se reúnem para suas ‘adivinhações’ de São João, com a mesma fé no futuro e os mesmos desejos ardentes de felicidade”.

Compartilharemos a seguir um pouco dessa ingenuidade lúdica recolhida pelo referido autor e que pode despertar a curiosidade, causar espanto ou mesmo uma deliciosa gargalhada.

O copo e a aliança

Amarra-se uma aliança num fio de cabelo e pendura-se este no centro da boca de um copo, sem deixar que a aliança bata nas bordas. Mo-



mentos depois, se a pessoa merece a graça de uma revelação, a aliança, por si, começa a bater nas beiras do copo. Tantas vezes bata, tantos anos faltam para aquela pessoa casar-se.

G. Studart consigna a mesma credence no Ceará, informando que o copo deve ser passado antes pela fogueira.

Os três pratos

Separaram-se três pratos sobre uma mesa. Num deles, põe-se debaixo um terço. Noutro, uma aliança. E o terceiro ficará sem nada. Manda-se, então, uma moça, que não viu a distribuição dos objetos, revirar um dos pratos — o que quiser. Se coincidir com o que tem a aliança, a moça casará. Se for o terço, irá ser freira. Sendo o prato sem nada, ficará no caritó...

Na variante colhida no Ceará, pelo barão Studart, põem-se três pratos desta forma: um vazio; outro com água limpa; e o terceiro com água suja. Indicam, respectivamente: não haverá casamento; casamento com solteiro; casamento com viúvo.

O espelho

Passa-se um espelho em cruz, sob uma fogueira. Coloca-se, depois, o espelho em cima da casa, sem olhá-lo. No Dia de São João, bem cedo, a pessoa se lavanta e vai vê-lo. Dizem que se vê o rosto do rapaz (ou da moça) com quem se há de casar.

Água na boca

Na véspera de São João põe-se água na boca e fica-se detrás de uma porta, escutando. O primeiro nome de rapaz (ou de moça) que se ouvir, será o nome do futuro namorado ou noivo. É credence conhecida no Brasil e em Portugal.

A canjica

Faz-se um prato de canjica e coloca-se dentro dele uma aliança. Parte-se a canjica em vários pedaços e se distribuem os mesmos com as moças presentes. A que receber o pedaço de canjica com a aliança será a que casará primeiro.

A bananeira

Arranja-se uma faca que ainda não foi usada. Junto a uma bananeira, enfia-se a faca no

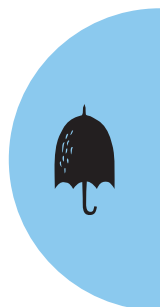
tronco. As iniciais do “escolhido” aparecerão no leite que escorre da planta.

Sebastião Almeida Oliveira, citado do G. Bettencourt, escreve: “...a mancha do tanino sobre o aço dirá na manhã seguinte o que vai acontecer. Viagem, enterro ou casamento, a maior esperança...”

O caroço de milho no pirão

Em noite de São João, faz-se pirão com um pouco de farinha e põe-se-lhe um caroço de milho; com os olhos fechados, divide-se o pirão em três porções e se coloca uma na porta da rua, outra sob o leito e a terceira na porta do quintal. Se for encontrado o caroço de milho na porta da rua, é sinal de próximo casamento; se sob o leito, o casamento é demorado; se na porta do quintal, não há possibilidade de casamento. (G. Studart)

Fonte: Veríssimo de Melo. *Xarias e canguleiros; ensaios de folclore e antropologia social aplicada*. Natal, Imprensa Universitária, 1968, p. 41-51.





FIGURINHA CARIMBADA

Jackson do Pandeiro, o rei do ritmo · PB

José Gomes Filho, mais conhecido como Jackson do Pandeiro, é paraibano de Alagoa Grande, onde nasceu em 31 de agosto de 1919. Este artista nordestino, além de cantar com uma rítmica própria, foi também compositor e instrumentista. Começou aos 8 anos tocando zabumba e pandeiro, aos 13 mudou-se com a família para Campina Grande e com 17 já atuava como baterista e percussionista de um conjunto musical local.

Com 20 anos adotou o nome artístico de Jack do Pandeiro e formou dupla com José Lacerda. Um ano depois se mudou para João Pessoa e trabalhou na Rádio Tabajara. Em 1948, mais uma mudança, desta vez para Recife · PE, onde

usou o pseudônimo Zé Jack, até começar a trabalhar na Rádio Jornal do Commercio, quando o diretor do programa sugeriu o Jackson no lugar do Jack, sendo também nesse período que forma dupla e firma parcerias com Rosil Cavalcante.

Já morando no Rio de Janeiro, grava seu primeiro disco em 1953 (com os sucessos *Sebastiana* e *Forró em Limoeiro*), casa-se com Almira Castilho em 1956, ano de *O canto da ema*, e em 1959 grava o samba *Chiclete com Banana*, de Almira, em parceria com o baiano Gordurinha, seu maior sucesso até hoje.

Apesar de ser exímio intérprete dos mais diversos gêneros musicais como baião, coco, rojão e marchinhas de carnaval, foi consagrado o “Rei do Coco” e, tendo gravado mais de 400 músicas, a partir de meados dos anos 70 do século passado, teve seu trabalho reconhecido e revisitado por diversos nomes da MPB como Djavan, Gal Costa, Gilberto Gil, João Bosco, Geraldo Azevedo, Elba Ramalho, Genival Lacerda e Moraes Moreira, sendo também citado como influência para os modernos Cascabulho, Chão e Chinelo, Mestre Ambrósio e Silvério Pessoa.

Sua maneira de dividir as frases da música tornou-se marca registrada e fez com que chegassem a chamá-lo de “Garrincha” da canção, enquanto Luiz Gonzaga seria o “Pelé”. Assim sendo, em qualquer sala de reboco, com uma dupla de “craques” desse quilate, é só correr pro abraço, que a alegria dá de goleada.

Cantiga de Sapo

Jackson do Pandeiro/
Buco do Pandeiro

*É assim que o sapo
canta na lagoa
Sua toada improvisada
em dez pés:*

- Tião
 - Oi!
 - Fostes?
 - Fui!
 - Comprastes?
 - Comprei!
 - Pagaste?
 - Paguei!
 - Me diz quanto foi?
 - Foi quinhentos réis
- É tão gostoso morar
lá na roça
Numa palhoça perto
da beira do rio
Quando a chuva cai, e
o sapo fica contente
Que até alegria a gente
com seu desafio (2x):*
- Tião
 - Oi!
 - Fostes?
 - Fui!
 - Comprastes?
 - Comprei!
 - Pagaste?
 - Paguei!
 - Me diz quanto foi?
 - Foi quinhentos réis



PAISAGEM GASTRONÔMICA

Munguzá, Feira de Santana · BA

Em momentos de comemoração, é comum que as instituições de Educação Infantil procurem marcar isso também na merenda, buscando sempre oferecer nessas oportunidades algo saboroso e diferenciado, que agrade tanto às crianças quanto a seus pais ou responsáveis que por ventura estejam participando da festa.

Uma das merendas apreciadas por todos é o famoso munguzá, prato típico da região e que foi servido na comemoração do Dia das Mães da Escola Municipal Coriolano Farias de Carvalho. Conforme Mariste Carvalho, por ter sido feito com os temperos do amor e do carinho pela merendeira do matutino, Josivânia, foi sucesso de crítica e de público.

Ingredientes

Milho pilado branco ou vermelho
Leite
Coco
Açúcar
Coco ralado
Manteiga
Cravo
Canela a gosto

Modo de preparo

Primeiro colocar o milho de molho por duas horas aproximadamente, depois escorrer e cozinhar com água quente, cravo e canela até amolecer. A seguir, bater o coco com o leite, o açúcar, a manteiga e sal a gosto. Juntar tudo e deixar cozinhar por mais 20 minutos ou até que ferva bem.

PS: Outra instituição que também faz um bom munguzá em momentos especiais é a Escola Municipal Judite Figuerôa, de Jaboatão dos Guararapes · PE. Só que lá, a dona da receita tem apenas 5 anos de idade e atende pelo nome de Kayllanne, na verdade Kayllanne Elaine Martins da Silva. Segundo relato da professora Joselma Maria Ribeiro da Silva e o registro da supervisora Viviane Melo, numa roda de conversa sobre as iguarias juninas, a menina não titubeou em demonstrar seus dotes culinários e afirmar a preferência por alimentos não industrializados:

“Tia! Tu já comeu munguzá de milho no sabugo? Oia, tia, pense! É muito bom, visse! Vou te ensinar, é assim: pega o milho e corta com a faca dentro duma panela, aí pega o coco, rala dentro do liquidificador e tira o leite e derrama no milho da panela e ajunta o açúcar e espera um bocadinho e come. Faz tia, tu vai ver como é bom”.

E é preciso dizer também que professora Joselma experimentou fazer a receita de Kayllanne em casa e toda a família aprovou. Por isso, quando for fazer o munguzá, pense em Kayllanne. Pense!





Primavera

Pertencente ao período quente do ano,
Prima Vera quer dizer primeiro verão,
porque esta era a primeira estação do ano
no continente europeu e o termo latino
ver/veris quer dizer bom tempo



Sucedendo ao inverno e precedendo o verão, a primavera é o começo do tempo bom. Com elevação da temperatura a níveis agradáveis, geralmente está associada ao reflorescimento e, por isso, costuma ser representada pelas flores. Conforme a astronomia, a primavera se inicia no hemisfério Sul (onde está a maior parte do Brasil) no equinócio de setembro*, dia 23, e termina no solstício de dezembro, no dia 21, sendo também chamada de *Primavera Austral***.

* No equinócio de setembro, o dia e a noite têm a mesma duração, mas, a cada dia passado, o dia aumenta e a noite diminui um pouco até chegar ao solstício de verão, dia em que a noite atinge sua menor duração e o dia a sua maior.

** No hemisfério Norte, a primavera acontece entre 21 de março e 21 de junho, mas lá é chamada de *Primavera Boreal*



PAISAGEM
LÚDICA

A árvore da montanha · BA

Na grande família do cancionero infantil temos, entre os modos mais consagrados, as cantigas de roda, as de histórias, as de ninar, as de não findar, as de passeio, as de jogos e os cantos cumulativos. Difundidos por todo canto, os cumulativos são cantos de melodia simples e letra que vai se repetindo de maneira acumulativa e com certo encadeamento, ou seja, a cada vez é acrescentado um novo elemento (verso, dizer, personagem, acontecimento) que se relaciona com os anteriores.

Em Feira de Santana · BA, um dos mais apreciados pelos professores que participam do Paralapraca é o clássico *A Árvore da Montanha*, que inclusive foi recolhido pela educadora feirense Lélia Vitor Fernandes de Oliveira em sua compilação *Assim Vovó Brincava*, de 2007.



A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Nesta árvore tem um
galho
Ó que galho!
Belo galho!
Ai, ai, ai que amor de
galho
O galho da árvore...
A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Neste galho tem um
ninho
Ó que ninho!
Belo ninho!
Ai, ai, ai que amor de
ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...
A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Neste ninho tem um
ovo
Ó que ovo!
Belo ovo!
Ai, ai, ai que amor de
ovo
O ovo do ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...
A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Neste ovo tem um
pássaro
Ó que pássaro!

Belo pássaro!
Ai, ai, ai que amor de
pássaro
O pássaro do ovo
O ovo do ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...
A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Nesse pássaro tem
uma pena
Ó que pena!
Bela pena!
Ai, ai, ai que amor de
pena
A pena do pássaro
O pássaro do ovo
O ovo do ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...
A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Nessa pena tem uma
flecha
Ó que flecha!
Bela flecha!
Ai, ai, ai que amor de
flecha
A flecha da pena
A pena do pássaro
O pássaro do ovo
O ovo do ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...

A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Nessa flecha tem uma
fruta
Ó que fruta!
Bela fruta!
Ai, ai, ai que amor de
fruta
A fruta da flecha
A flecha da pena
A pena do pássaro
O pássaro do ovo
O ovo do ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...

A árvore da montanha
Olê aí a ô (4x)
Nessa fruta tem uma
árvore
Ó que árvore!
Bela árvore!
Ai, ai, ai que amor de
árvore
A árvore da fruta
A fruta da flecha
A flecha da pena
A pena do pássaro
O pássaro do ovo
O ovo do ninho
O ninho do galho
O galho da árvore...



Como se brinca

Os versos são cantados ao mesmo tempo que se executam os gestos indicados na letra da canção.

Legenda dos gestos a serem executados

Árvore: abrir os braços e, com as mãos espalmadas para frente, fazê-las vibrar.

Montanha: formar a “montanha” unindo as mãos pela ponta dos dedos formando, com os braços, um ângulo de aproximadamente 60° ou um “v” de ponta-cabeça.

Olê aí a ô: movimentar as mãos e sacudi-las de um lado para outro como se fossem limpadores de para-brisa.

Galho: esticar um dos braços à frente como se fosse um galho.

Ninho: colocar as mãos abertas em concha, espalmadas para cima e encostadas uma na outra, balançando-as de maneira cadenciada.

Ovo: colocar as mãos em concha, uma espalmada para a outra.

Pássaro: colocar os braços abertos e “batê-los” como se fossem asas.

Pena: unir as pontas do dedo indicador com o polegar de uma das mãos e balançá-la levemente.

Flecha: com um dos punhos fechado, esticar o braço à frente e, unindo o indicador e o polegar da outra mão, fazer o movimento de tencionar o “arco”, saindo da mão que está com o punho fechado à frente e indo até próximo da orelha. Ou seja, faça de conta que está com um arco e flecha.

Fruta: com uma das mãos, fazer o gesto de quem segura um fruto (uma laranja, por exemplo).

Natal: o novo sol¹¹

Para começo de conversa, talvez seja razoável dizer que Natal significa “nascimento de novo sol”. O que hoje pensamos como uma festa religiosa foi, em seus princípios, uma festa pagã. O chamado solstício de inverno, que acontece anualmente no hemisfério Norte entre 17 e 25 de dezembro, era festejado desde as civilizações mais antigas. Essas civilizações consideravam o Sol como sendo o filho da luz, luz que representava Deus em vida.

O dia do solstício é, na verdade, aquele em que o Sol atinge o seu grau mínimo de luminosidade naquelas paragens, sendo esta a noite mais longa do ano. Havia o temor de que o Sol não retornasse e acreditava-se que era preciso realizar uma grande festa nesta noite para pedir ao Sol que voltasse, renascesse e recomeçasse o seu ciclo em torno do planeta.

Somente no século IV foi que o solstício passou a ser conhecido como sendo a data fixa do nascimento de Jesus. No ano de 336 de nossa era, o imperador romano Constantino I, aproveitando os festejos do solstício da luz, anunciou para os povos do império a nova religião de Roma, o cristianismo. Constantino usou a data que já existia como festivo tradicional dos povos pagãos, mas criou um novo motivo para que as pessoas seguissem comemorando: o nascimento de Jesus, o novo sol da humanidade.







PAISAGEM NARRATIVA

A cabra e os bodinhos • PE

Era uma vez uma cabra e seus três bodinhos. Certo dia, ela saiu para conseguir comida e disse: — Meus filhos, eu vou sair, mas vejam, não abram a porta para ninguém, pois o lobo vive rondando a nossa casa. Só abram quando me ouvirem cantar assim:

— Abra a porta, meu filhinho / abra porta, quero entrar / trago leite no peito / lenha na cabeça / fogo na mão / abra a porta, abra, João / que é a mamãe do coração.

O lobo, que estava escondido, escutou tudo e então, quando a mãe já estava bem longe, ele foi até a porta da casa dos bodinhos e imitou a voz da cabra e cantou para eles abrirem a porta. Mas os bodinhos, que não eram bobos, desconfiaram que não era a mãe, porque a voz era rouca e disseram:

— Vá embora seu lobo bobo, esta voz não é a da nossa mãe.

Então o lobo foi na casa da formiga e tomou um chá para afinar a voz. Voltou até a casa dos bodinhos e imitou a voz da mãe novamente, cantando:

— Abra a porta, meu filhinho / abra porta, quero entrar / trago leite no peito / lenha na cabeça / fogo na mão / abra porta, abra, João / que é a mamãe do coração.

Desta vez a voz tinha ficado igualzinha à voz da mãe e os bodinhos, coitados, abriram a porta e o lobo comeu os três de uma vez só. De barriga cheia e muito pesada, ele mal conseguia andar e foi descansar debaixo de uma árvore.



Quando a cabra estava se aproximando da casa logo viu que alguma coisa estava errada, pois a porta estava aberta. Chegando em casa e não encontrando os filhos, saiu procurando. Depois de muito procurar, a cabra encontrou a formiga que disse que o lobo tinha lhe pedido um chá para afinar a voz e que ela tinha dado.

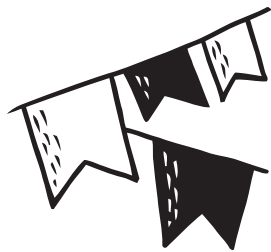
Indagando a um e a outro, a cabra descobriu tudo e foi atrás do lobo, que ainda estava deitado debaixo da árvore, dormindo de barriga cheia. Pé ante pé, a cabra enfiou a vassoura no nariz do lobo com tanta força, que o bicho saiu espirrando um cabrito, depois outro, depois outro. Não satisfeita, a cabra ainda deu mais umas quinze vassouradas no energúmeno, que saiu despinguelado na carreira, catando ficha ladeira abaixo.

Com seus bodinhos sãos e salvos, após muito festejar, a cabra foi morar bem longe dali e pode viver feliz. Se não para sempre, pelo menos por enquanto.

Transmitida por Maria do Socorro Albuquerque.

Recolhida por Cida Freire, assessora do Paralapraca em Jabotão dos Guararapes • PE.





PAISAGEM
FESTIVA

O baile pastoril · PB

Para colocarmos nossos corações em sintonia no fim do ano, podemos falar de um folguedo popular que anima muitas comunidades brasileiras, como a da Creche Municipal Cotinha Carvalho, em Campina Grande · PB: o Baile Pastoril. Conforme o folclorista Câmara Cascudo, nascido dos dramas litúrgicos sobre o nascimento de Jesus que eram representados nas igrejas, o pastoril representa a visita dos pastores ao estábulo de Belém para ofertas, louvores, pedidos de bênção, com cantos, louvações, loas, entoadas diante do presépio na noite do Natal.

Com o passar do tempo, o Baile Pastoril agregou assuntos de outros autos e folguedos populares, sendo

Pastoril

Disputa das cores*

*Nós somos do encarnado
A cor do nosso coração
Os nossos partidários
Quando entramos em cena
Vibram de emoção*

*Nós somos do azul
A cor do nosso céu de anil
Os nossos partidários
Quando entramos em cena
A todos sorrisos mil*

Solo Diana — *Como
sou a Diana
Diana dos partidos sou
Os nossos partidários
Quando eu entro em cena
A todos sorriso dou*

*Trecho da jornada de
um pastoril nordestino



atualmente uma festa realizada em diversas regiões do Brasil, frequentemente constituída de música, canto, dança e certa teatralidade. Não é raro que ele tenha como formação básica dois cordões em disputa: o azul e o encarnado (como os mouros e cristãos de outro folguedo popular), e algumas personagens solistas, como a Diana, o Anjo, a Cigana, o Pastor e a Borboleta.

A coordenadora do Paralapraca em Campina Grande, Marluce Duarte Catão, lembra que “[...] a disputa proporciona uma rivalidade entre as pastoras e o público que defende sua cor preferida”. Ainda segundo Marluce, “...ao som do maxixe, valsa, marchas, o pastoril realiza uma dança coletiva com as pastoras posicionadas em filas ou cordões. O encarnado ao lado direito, liderado pela mestra, a Diana ao centro (a única que usa as duas cores), e ao lado esquerdo o cordão azul, comandado pela contramestra”.

No tocante à coreografia, Marluce arremata: “Os passos apresentam certa semelhança com as danças portuguesas; alguns saltitando, outros com entrelaçamentos de pernas. A dança requer simetria e unidade coreográfica em toda sua dinâmica”.

Nunca é pouco lembrar aos educadores que, especialmente na mitologia natalina, vamos encontrar um deus criança. Portanto, celebremos com o Baile Pastoril o Natal e a infância.



PAISAGEM
GASTRONÔMICA
Pipoca crioula · PB

Uma hora boa de criança fazer festa na escola é na hora da merenda. E se merendar é bom, fazer a merenda pode ser outra delícia. Pipoca, por exemplo, é uma merenda deliciosa e fácil de fazer. Experimente fazer, com a participação das crianças, uma pipoca diferente, sugerida pelo Seu Berto, vigia lá da Creche Amenaide Santos, em Campina Grande · PB. E, como uma boa canção pode acompanhar bem esse fazer, experimente fazer com trilha sonora utilizando a *Pipoca*, de Paulo Tatit e Arnaldo Antunes, com a letra ao lado.

Ingredientes

1/2 xícara de óleo
2 colheres de sopa de açúcar
2 colheres de achocolatado
1 colher de margarina
1 xícara de milho para pipoca

Modo de preparo

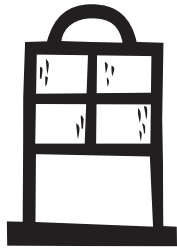
Levar o óleo ao fogo. Acrescentar o açúcar, o achocolatado e a margarina até formar uma calda. Jogar o milho na pipoqueira e girar até estourar.

Pipoca

Paulo Tatit/Arnaldo Antunes

Pega-pega, pipoca, pipoca, pipoca
Pique-pique, pipoca, pipoca, pipoca
Banguê-banguê, pipoca, pipoca, pipoca
Pouco a pouco, pipoca, pipoca, pipoca
Corpo a corpo, pipoca, pipoca, pipoca
Corre-corre, pipoca, pipoca, pipoca
Reco-reco, pipoca, pipoca, pipoca
Tico-tico, pipoca, pipoca, pipoca
Taco-taco, pipoca, pipoca, pipoca
Pata-pata, pipoca, pipoca, pipoca
Boca a boca, pipoca, pipoca, pipoca
Oba-oba, pipoca, pipoca, pipoca
Trepá-trepá, pipoca, pipoca, pipoca
Puxa-puxa, pipoca, pipoca, pipoca
Pula-pula, pipoca, pipoca, pipoca
Esconde-esconde, pipoca, pipoca, pipoca
Ora-ora, pipoca, pipoca, pipoca
Dia a dia, pipoca, pipoca, pipoca
Passo a passo, pipoca, pipoca, pipoca
Cara a cara, pipoca, pipoca, pipoca
Pipoca, pipoca, pipoca...





PARAGEM

Centro de Artesanato do Poti Velho, Teresina - PI

Peça forte do artesanato de Teresina, a cerâmica ganhou ainda mais destaque depois da criação do Polo Cerâmico. Onde antes havia apenas uma vila de pescadores e olarias produtoras de tijolos e modestos potes, agora existem 23 boxes para comercialização das peças que são produzidas ali mesmo. O Polo Cerâmico fica na zona norte, próximo ao Parque Ambiental Encontro dos Rios. É lá que mandalas, jarros, esculturas, aparelhos de jantar e até joias são feitos a partir da cerâmica e vendidos para todo o Brasil e vários outros países.

Mas esse sucesso tem história de luta. O trabalho dos ceramistas do Poti Velho teve início em 1964, através do Senhor Raimundo Nonato da Paz. As primeiras peças foram surgindo a partir das necessidades da comunidade. Em contraste com a atual situação das mulheres, a principal atividade que gerava

renda na época estava em torno dos trabalhos nas olarias. Durante muito tempo diversas famílias trabalhavam na produção e armazenamento de tijolos.

Uma das primeiras ações que marcaram transformações na vida dos moradores do bairro Poti Velho foi a fundação da Associação dos Ceramistas do Poti Velho (Acepoti), pois através dela surgiram diversas lideranças. Ao longo de muitas conquistas, alguns membros da associação foram percebendo que podiam ganhar mais espaço, que podiam também tomar a frente dos negócios, já que havia outras possibilidades de utilizar o barro. Então, após um curso de produção de bijuteria em cerâmica, realizado pelo Sebrae, as mulheres da comunidade também foram à luta para conquistar seu espaço, encabeçando assim uma linha de produção voltada também a uma necessidade de mercado que não era atendida pelo polo, nascendo a Cooperativa de Artesanato do Poti Velho (Cooperart-Poti), que tem sede própria, localizada na Rua Desembargador Flávio Furtado, s/n. Neste mesmo espaço, a cooperativa dispõe de um ambiente para venda de seus produtos e exposição do que é produzido.

Fonte:

<http://cooperart-poty.blogspot.com.br/>



PAISAGEM SONORA

Pintalainha - BA

Antecedendo algumas brincadeiras tradicionais, buscando evitar desavenças e brigas, é comum entregar ao acaso a escolha, entre os brincantes, daquele que irá ocupar um papel de destaque na brincadeira. Entre essas formas pacíficas de administrar tais conflitos de interesse estão os formuletes de escolha, pequenos versos dialogados, entoados e mesmo cantados, que alternam a indicação dos brincantes até que, em seu final, esteja escolhido o que irá comandar a brincadeira a ser iniciada.

Um dos formuletes de escolha

comuns na Bahia é o Pintalainha. Os brincantes colocam-se sentados em roda com as mãos estendidas no chão e um deles, geralmente da esquerda para a direita, pronuncia o texto escandindo as sílabas e, simultaneamente, vai beliscando levemente as costas das mãos dos participantes. Aquele que tiver sua mão beliscada no verso “que já está forra” é o escolhido para ocupar o papel mais importante da brincadeira a ser iniciada.

Pintalainha

*Pintalainha
De cana vitinha
Que anda na barra
de vinte e cinco
Mingorra, mingorra
E cate forra tire essa
mão que já está forra.*



PARAGEM

Ruínas de Muribeca, Jaboatão · PE

O povoado de Muribeca teve importante participação na Guerra Holandesa. Sendo o mais próspero dos existentes nos arredores de Recife, foi atacado pelos holandeses diversas vezes, entre as quais em 1633, quando teve sua igreja depredada e utilizada como estrebária pelos invasores.

Visitar suas ruínas é viajar no tempo, além de ótima oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a história da região. A Igreja do Rosário dos Homens Pretos, que também se encontra em ruínas, foi construída

pela Irmandade dos Homens Pretos no século XVIII, como consta num relatório sobre a Capitania de Pernambuco de 1774.

Há ainda algumas casas datadas do século XIX que estão relativamente bem preservadas no povoado e, no entorno, na zona rural, encontram-se ainda alguns engenhos com suas casas-grandes, a exemplo dos de São Bartolomeu, Penanduba, Muribequinha, Recreio, Capelinha, Novo, Megaype de Cima e de Baixo, Caiongo, São Joaquim, entre outros. Já a Usina Muribeca está em ruínas e foi desativada desde 1965, mas continua sendo importante marco histórico da região.

Por toda essa riqueza enquanto patrimônio cultural e arquitetônico, o povoado de Muribeca dos Guararapes · PE está em processo de tombamento pelo Estado de Pernambuco e merece ser visitado por quem passar pela região.





FIGURINHA CARIMBADA

Ednardo tem seus mistérios • CE

Nascido em 17 de abril de 1945, o cearense José Ednardo Soares Costa Sousa adotou como nome artístico apenas Ednardo. E foi na Fortaleza dos anos 70 do século passado que este importante cantor/compositor nordestino iniciou sua carreira, sendo contemporâneo dos conterrâneos Belchior, Fagner e Amelinha. Na verdade, já em 1969, formou com outros jovens da cidade o grupo Pessoal do Ceará e correu

trecho pelo circuito universitário, que culminou com a vitória no Festival Nordestino da Música Brasileira em 1970, que, por sua vez, lhe deu maior visibilidade e trânsito no circuito cultural da região Sudeste, particularmente no eixo Rio-São Paulo.

Em 1973, influenciados pelo Tropicalismo, pelo Clube da Esquina e pela música pop internacional, Ednardo, Rodger Rogério, Tetty e o arranjador Hareton Salvanini lançam o seminal *Meu Corpo, minha embalagem, todo gasto na viagem*, que inscreve a música do Ceará na linha de frente da música popular brasileira.

Um ano depois, lança seu primeiro álbum solo, *O Romance do Pavão Misterioso*, inspirado no maior clássico da literatura de cordel de todos os tempos: *O Romance do Pavão Misterioso*¹¹, escrito por José Camelo de Melo Rezende no fim dos anos 1920. E é por conta da canção homônima contida nesse disco que ele vai, nos idos de 1976, se tornar conhecido do grande público. Sua música não só foi incluída na trilha sonora, mas também escolhida como tema de abertura da novela *Saramandaia*, de Dias Gomes, exibida pela tv Globo.

Contudo, não se acomodou à fama, nem deitou na cama dos mais vendidos, tendo papel de destaque na cena musical do Ceará ao protagonizar o movimento Massafeira, que aglutinou diversos artistas cearenses no Teatro José de Alencar, incluindo o poeta Patativa

do Assaré, para gravar o disco de mesmo nome em 1979, ainda sob a égide da ditadura militar.

E de seu misterioso pavão para cá foram 14 discos, mais de 300 músicas compostas, muitas parcerias e trilhas musicais para cinema e teatro. Sua vasta produção é apreciada nacional e internacionalmente, tendo entre os maiores sucessos canções como *A Manga Rosa*, *Artigo 26*, *Beiramar*, *Carneiro*, *Enquanto Engoma a Calça*, *Flora*, *Ingazeiras*, *Lagoa de Aluá*, *Longarinas*, *Pavão Misterioso* e *Terral*.

Além disso, tanto os grandes nomes da música popular brasileira quanto os novos nomes da cena contemporânea têm incluído em seus repertórios canções de Ednardo, como Elba Ramalho, Fagner, Belchior, Ney Matogrosso, Vânia Abreu, Amelinha, Nonato Luiz e Zeca Baleiro, entre outros. E ele, por sua vez, fez no ano 2000 um disco de intérprete, com repertório composto de novos e velhos compositores brasileiros.

Mesmo fora da grande mídia, continuou fazendo concorridos shows pelo Brasil e, em 2002, gravou com Belchior e Amelinha o CD *Pessoal do Ceará*, produzido por Robertinho do Recife, no qual revisita composições como *Artigo 26* e *Pavão Misterioso*, mas também apresenta a inédita *Mote*, *Tom e Radar*. Que esperar para o futuro? Ednardo tem seus mistérios.

Pavão Misterioso

Ednardo

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse teu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história
Eu tinha prá contar...*

*Pavão misterioso
Nessa cauda
Aberta em leque
Me guarda moleque
De eterno brincar
Me poupa do vexame
De morrer tão moço
Muita coisa ainda
Quero olhar...*

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse seu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história
Eu tinha pra contar...*

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
No escuro dessa noite
Me ajuda, cantar
Derrama essas faíscas
Despeja esse trovão
Desmancha isso tudo, oh!
Que não é certo não...*

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Um condê raivoso
Não tarda a chegar
Não temas minha donzela
Nossa sorte nessa guerra
Eles são muitos
Mas não podem voar...*



PAISAGEM
ARTÍSTICA

Carybé • BA

Hector Julio Páride Bernabó, ou Carybé (1911-1997), como ficou mundialmente conhecido, foi um pintor, desenhista, ceramista, escultor, pesquisador, historiador e jornalista. Nascido na Argentina, naturalizou-se brasileiro e fez da Bahia e sua gente a principal fonte de inspiração para as suas obras. Suas pinturas, desenhos e esculturas traduziram plasticamente a chamada baianidade, através da representação do cotidiano, de cenas populares, do povo e da religiosidade afro-baiana. Também fez ilustrações de obras literárias, como *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *O sumiço da Santa*, de Jorge Amado.

Em virtude de seus trabalhos voltados para a cultura afro-brasileira, enfocando seus ritos e orixás, sobretudo nos anos 70, Carybé conquistou um título de honra no candomblé, o Obá de Xangô. Destacou-se também pela produção de murais, hoje expostos em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Montreal, Buenos Aires e Nova York. Em 1955, foi escolhido como o melhor desenhista nacional na III Bienal de São Paulo.



PAISAGEM GASTRONÔMICA

Bolo de sal · Teresina · PI

Enviada pelo CMEI Zélia Calixto, outra receita tipicamente piauiense e fácil de fazer é o bolo de sal, que inclusive está proposto em projeto de lei na Assembleia Legislativa do Estado do Piauí como patrimônio cultural piauiense.

Ingredientes

3 xícaras de goma
1 xícara de leite
½ xícara de óleo
8 ovos
Sal a gosto

Modo de preparo

Ferver o leite com óleo, em seguida pôr a goma numa bacia, despejar a mistura fervida e acrescentar o sal. Mexer, misturando bastante, até que fique uma massa homogênea. Bater os ovos em clara e acrescentar as gemas, batendo por mais ou menos 2 minutos. Juntar os ovos à massa e mexer levemente (amassando) por 3 minutos. Pôr em forma untada com óleo e levar ao forno por 40 minutos.



PAISAGEM ARTÍSTICA

Abelardo da Hora · PE

Nascido em 1924, na Usina Tiuma, em São Lourenço da Mata · PE, Abelardo da Hora é hoje um dos mais versáteis artistas de Pernambuco, atuando como desenhista, escultor, ceramista e gravador, tendo algumas de suas obras expostas em importantes espaços públicos da cidade de Recife · PE.

Em sua formação como artista, fez o curso de artes decorativas no Colégio Industrial Prof. Agamenon Magalhães e o curso livre de escultura na Escola de Belas Artes de Pernambuco. Em 1942, à frente do Diretório Acadêmico de Belas Artes, articulou um grupo de alunos que pintava e desenhava paisagens nas matas do bairro da Várzea, chamando a atenção do industrial Ricardo Brennand, para quem trabalhou de 1943 até 1945, realizando vários trabalhos em cerâmica, jarros florais e pratos com motivos regionais em relevo e em terracota. Inclusive, foi nessa época que o filho de Ricardo, Francisco Brennand, se interessou em fazer as primeiras tentativas de pintar

cerâmica e desenhar, após ver Abelardo da Hora trabalhar.

Em 1945, Abelardo foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou num ateliê improvisado na garagem da casa de Abelardo Rodrigues. Mas já em 1946 volta a Recife, consumindo todo o ano de 1947 no preparo de sua primeira exposição de esculturas, que só veio a se realizar em abril de 1948, na Associação dos Empregados do Comércio de Pernambuco, sob o patrocínio do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura Municipal do Recife.

A exposição teve grande repercussão pelo conteúdo e forma, mas também porque foi a primeira exposição de esculturas realizada em Recife. Ganhou o primeiro Prêmio de Escultura nos III e IV Salões de Arte Moderna, em 1940 e 1950, respectivamente.

Além de sua atuação como artista, desempenhou destacado papel como agitador cultural, idealizando e criando com Hélio Feijó e outros artistas a Sociedade de Arte Moderna do Recife (SAMR) e fundando, em 1952, o Ateliê Coletivo da SAMR, junto com Gilvan Samico, Wilton de Souza, Wellington Virgolino, Ionaldo, Ivan Carneiro e Marius Lauritzen, entre outros, exercendo a função de professor e diretor até 1957.

Entre as suas obras destinadas a espaços públicos da cidade de Recife, destacam-se as esculturas de tipos populares, inspiradas na cerâmica popular, que estão nas

praças da cidade: *Os cantadores* e *O vendedor de caldo de cana*, no Parque 13 de maio; *O sertanejo*, na Praça Euclides da Cunha, em frente ao Clube Internacional; e *O vendedor de pirulitos*, no horto florestal de Dois Irmãos. Há também o painel em azulejo na Praça Joaquim Nabuco, intitulado *Joaquim Nabuco e a Abolição da Escravatura*; o *Monumento à Restauração Pernambucana*, na Praça Sérgio Loreto; o *Monumento à Convenção de Beberibe*, na Praça da Convenção; e o *Monumento à Juventude*, na Universidade Católica de Pernambuco, entre outras obras.

Foi eleito delegado de

Pernambuco na Seção Brasileira da Associação Internacional de Artes Plásticas, da Unesco, em 1956, e durante os anos de 1957 e 1958 expôs em vários países da Europa, na Mongólia, na Argentina, em Israel, na antiga União Soviética, na China e nos Estados Unidos.

Lançou, em 1962, o álbum de desenhos *Meninos do Recife* e, em 1967, a coleção de desenhos *Danças brasileiras de Carnaval*, na Galeria Mirante das Artes, em São Paulo. Foi também um dos idealizadores do Movimento de Cultura Popular (MCP) e, como seu diretor, construiu e dirigiu a Galeria de Arte, às margens do rio Capibaribe, o Centro de Artes Plásticas e Artesanato e as Praças de Cultura, em Recife.

Quando indagado sobre sua própria obra, Abelardo da Hora é categórico:

“Faço a minha arte respondendo a uma necessidade vital. Como quem ama ou sofre, se alegra ou se revolta, aprova ou denuncia e verbera. Fruto das coisas que a vida ensina... A marca mais forte do meu trabalho têm sido, entretanto, o sofrimento e a solidariedade. A tônica é o amor: o amor pela vida, que se manifesta também pela repulsa violenta contra a fome e a miséria, contra todos os tipos de brutalidade, contra a opressão e a exploração”.

Com tamanha importância para a arte pernambucana, não é de admirar que as professoras Adriana Josemar, Leila Maria e Joselma Maria, da Escola Municipal Judith Figueirôa, de Jaboatão dos Guararapes - PE, tenham escolhido Abelardo da Hora como artista de referência para a produção de estudos e releituras das crianças, realizando inclusive uma mostra pública. Lá, o Abelardo tem sido da hora!

Fontes:

<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas



Notas

1. Em seu *Romanceiro da Inconfidência*, Cecília Meireles nos diz:
“...Liberdade, essa palavra que o sonho humano alimenta que não há ninguém que explique e ninguém que não entenda...”
2. Do poeta mato-grossense Manoel de Barros. O poema, intitulado *Achadouros de infância*, está no livro *Infância: memórias inventadas*.
3. Partindo desta paisagem festiva, o CMEI Nossa Senhora da Paz, de Teresina - PI, criou uma apresentação cênica. Utilizando figurinos típicos e ao som de tambores, as crianças do CMEI contaram, cantaram e dançaram a história de Catirina, representando artisticamente a lenda do boi do Piauí.
4. Existem em Teresina vários grupos de boi e, atualmente, é no Encontro Nacional de Folguedos (que acontece anualmente no mês de julho e é promovido pela Fundação Estadual de Cultura) que o folguedo tem maior visibilidade.
5. Em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*.
6. Quixabeira, também conhecida como quixaba, quixaba-preta e rompe-gibão, é uma árvore de grande importância por seus usos medicinais e alimentares. Atualmente ameaçada de extinção, resiste na vegetação catingueira do sertão nordestino; é usada no tratamento de lesões, dor nos rins, gastrite, gripe e inflamações; sua casca possui propriedades adstringente, tônica, antidiabética e cicatrizante; sua madeira dura e resistente é muito boa para construção de móveis e cercas; suas folhas servem de alimentação para as criações, além de serem reconhecidos seus poderes especiais na cura de doenças espirituais; seus frutos alimentam os sertanejos, sobretudo, nos períodos de seca. (SANTANA, 2012:19)
7. Conforme o pesquisador Sandro Santana, autor do livro *Música e Ancestralidade na*

- Quixabeira*, publicado em 2012 pela Edufba.
8. De autoria de Terezinha Almeida Vitória (Dona Teté) e Carmelita dos Santos Brito (Ita), esta cantiga foi adaptada por Bernard Von der Weid e Carlinhos Brown, junto com a chula *Vinha de Viagem* e o samba de roda *Alô meu Santo Amaro* na canção *Quixabeira*, que se tornou sucesso nas vozes de Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia, Gilberto Gil e Carlinhos Brown, que a gravou no disco *Alfagamabetizado* (1997). Músicas, vídeos e fotos do grupo Quixabeira da Lagoa da Camisa estão disponíveis em www.myspace.com/quixabeiradelagoadacamisa
 9. Do livro de João Amado, *Universo dos Brinquedos Populares*, publicado em Coimbra, Portugal, pela Editora Quarteto, em 2002.
 10. Extraído do *Almanaque Paralapraca: menu de guloseimas lúdicas para educadores da infância*, também organizado por José Rêgo, o Pinduka, e publicado pelo Instituto c&a em 2009.
 11. Conforme Edson Joanni, o *Romance do Pavão Misterioso*, de José Camelo de Melo, conta a história da Condessa Creuza, que, por sua beleza, é trancada desde a infância pelo pai no mais alto quarto de um sobrado grego. Uma vez no ano, a moça aparece por uma hora ao povo, que vem de longe apreciar a beldade. Um retrato de Creuza chega à Turquia, país onde mora Evangelista. Ao mirar o retrato, ele cai de amores pela linda figura da jovem condessa e decide roubar a moça de seu pai. Parte em direção à Grécia, mas, antes de levar a termo sua intenção, encomenda a um engenheiro um mecanismo alado — o Pavão Misterioso do título —, a bordo do qual consegue, em meio a peripécias e dificuldades de toda ordem, chegar até o quarto da moça, raptando-a, para desespero do pai da jovem. Obs: A obra está disponível na íntegra em diversos sites e já recebeu adaptações em diversas linguagens (HQ, animação, teatro, etc.).



Referências bibliográficas

ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss da Música Popular Brasileira*. Rio de Janeiro: Paracatu, 2006.
AMADO, João. *Universo dos Brinquedos Populares*. Coimbra: Quarteto, 2002.
BARROS, Manoel de. *Infância: memórias inventadas*. São Paulo: Planeta, 2003.
CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 9ª ed. São Paulo: Global, 2000.
_____. *Geografia dos mitos brasileiros*. 2ª ed. São Paulo: Global, 2000.
FROTA, Lélia Cordeiro. *Pequeno Dicionário da Arte do Povo Brasileiro: século XX*. Rio de Janeiro · RJ: Aeroplano, 2005.
MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
MORAIS FILHO, Melo. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da

Universidade de São Paulo, 1979.
NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
PELEGRINE FILHO, Américo. (Org.). *Antologia do Folclore Brasileiro*. São Paulo: EDART; Belém · PA: Universidade Federal do Pará; João Pessoa · PB: Universidade Federal da Paraíba, 1982.
RÊGO, José Carlos. (Org.). *Almanaque Paralapraca: menu de guloseimas lúdicas para educadores da infância*. Instituto C&A: São Paulo, 2009.
ROMERO, Sílvio. *Folclore Brasileiro: cantos populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
_____. *Folclore Brasileiro: contos populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
SANTANA, Sandro. *Música e Ancestralidade na Quixabeira*. Salvador · BA: Edufba, 2012.

Outras fontes:

<http://www.samauma.biz/site/portal/conteudo/opiniao/mm1214mestredezinho.htm>
<http://www.popular.art.br/htdocs/default.asp?criterio=artista&artigo=Mestre%20Dezinho>
<http://www.redebrasilatual.com.br/blog/curta-essa-dica/casa-da-cultura-de-teresina-pi-reune-obra-de-mestre-dezinho>
<http://www.paulogoudinho.blogspot.com.br/2010/04/mestre-dezinho-e-arte-da-imortalidade.html>
<http://www.nascimento.com.br/conteudo/conteudo.aspx?alias=teresina>
<http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search/label/Mestre%20Dezinho>
<http://www.popular.art.br/htdocs/default.asp?criterio=artista&artigo=Mestre%20Dezinho>

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Estação Paralapraca : menu de paisagens culturais /
organização José Rêgo (Pinduka) ; ilustrações
J. Borges, Rex]. -- 2. ed. -- Salvador, BA :
Avante-Educação e Mobilização Social ; Barueri,
SP : Instituto C&A, 2018. -- (Coleção Paralapraca)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-60828-14-2 (Avante)

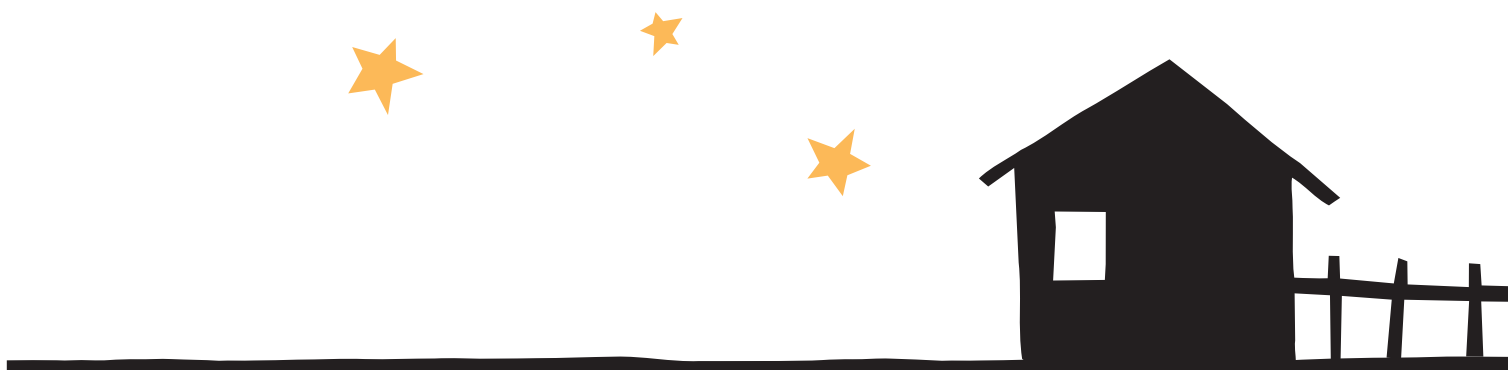
1. Educação infantil 2. Educadores - Formação
3. Paralapraca I. Rêgo, José. II. Borges, J.
III. Rex. IV. Série.

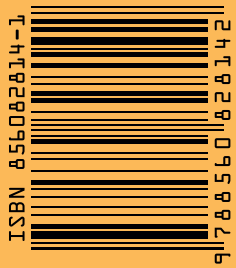
17-11882

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21





verão



outono



inverno



primavera